

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA (UNILAB)  
INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS (IHL)  
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**MARIA MAYNARA SILVA SOUZA**

**CAPOEIRA: A CONSTRUÇÃO DE UMA LIBERDADE E A ARTE DE  
ENSINAR E APRENDER A VIVER**

**REDENÇÃO – CEARÁ**

**2015**

**MARIA MAYNARA SILVA SOUZA**

**CAPOEIRA: A CONSTRUÇÃO DE UMA LIBERDADE E A ARTE DE ENSINAR E  
APRENDER A VIVER**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades em, orientada pelo professor:

Prof. Dr. Luis Tomas Domingos.

**REDENÇÃO – CEARÁ**

**2015**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira  
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)  
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL  
Catalogação na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219**

---

Souza, Maria Maynara Silva.

Capoeira: a construção de uma liberdade e a arte de ensinar e aprender a viver. / Maria Maynara Silva Souza. – Redenção, 2015.

57 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Baqueiro Figueiredo.  
Inclui Referências.

1. Capoeira I. Título.

CDD 797.8

---

**MARIA MAYNARA SILVA SOUSA**

**CAPOEIRA: A CONSTRUÇÃO DE UMA LIBERDADE E A ARTE DE ENSINAR E  
APRENDER A VIVER**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades em, orientada pelo professor:

Prof. Dr. Luis Tomas Domingos.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luis Tomas Domingos (orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Francisca Rosália Silva Menezes

---

Prof. Dr. Ricardo Cesar Carvalho Nascimento

Dedico a toda minha família e aos meus amigos!

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

É com alegria que agradeço a minha família, meus pais: Lucilda Silva e Evandro Gomes; meu vô: César Pereira; a minha querida irmã: Marcyara Silva. Esta família que a cada dia cultiva o Amor e que sempre acreditaram em mim.

Neste momento de gratidão agradeço ao meu orientador professor Dr. Luis Tomas Domingos, pelo auxílio e confiança.

As minhas vivências no grupo de capoeira, Fundação Arte Brasil Capoeira.

E os meus amigos de espírito (isto é, “postigos”): Micael Pontes (que de muito me auxiliou), Angela Manoelly, Léllian Thanara, Israely Alves, e também aos demais amigos por todo o apoio e força que me deram no decorrer do trabalho.

## RESUMO

Este trabalho que tem como título “Capoeira: a construção de uma liberdade e a arte de ensinar e aprender a viver”, sendo entendida como uma grande expressão da cultura popular brasileira, nascida do afã de liberdade no período escravocrata. Tem como objetivo recontar a trajetória da capoeira, mostrando a sua relação e interação com o aprendizado dos sujeitos envolvidos, a sua importância cultural e social. Nesse contexto, o presente trabalho verificou e analisou a presença e influência da capoeira na história dos povos escravizados e como utilizaram a capoeira como ferramenta de libertação necessária para manter o seu legado vivo. Dessa forma, surgem inúmeros grupos de capoeira no Brasil, que aprofundam ainda mais esse conhecimento. Trazendo para mais próximo, o grupo de capoeira Fundação Arte Brasil Capoeira, que exerce um trabalho de destaque na cidade de Aratuba- Ceará, no Maciço de Baturité, há mais de 10 anos, tornando a capoeira uma arte acessível a todos como processo de aprendizagem. Com a pesquisa de campo, através de entrevistas, estudos bibliográficos, documentários e a história oral/escrita, pôde-se entrelaçar presente-passado, sendo no passado o principal objetivo dessa *dança-luta* (capoeira) a busca pela liberdade dos povos escravizados, e hoje a prática da capoeira não é só libertar o corpo ou defender uma causa, tornou-se um elemento capaz de incluir aqueles que a praticam em uma "roda" de igualdade.

**Palavras-chaves:** educação social, ensino de capoeira, história da capoeira, aprendizagem.

## ABSTRACT

This work is titled "Capoeira: the construction of a freedom and the art of teaching and learning to live", being understood as a great expression of Brazilian popular culture, born of the desire for freedom in the slavery period. It aims to retell the history of capoeira, showing their relationship and interaction with the learning of the subjects involved, their cultural and social importance. In this context, this study verified and analyzed the presence and influence of capoeira in the history of enslaved people and how they used capoeira as release tool needed to keep his legacy alive. Thus, there are many capoeira groups in Brazil, which further deepen this knowledge. Bringing closer, the capoeira group Fundação Arte Brasil Capoeira plays a prominent work in the city of Aratuba- Ceará, Baturité Massif, for over 10 years, making capoeira an affordable art to everyone and as a learning process. With the field research, through interviews, bibliographic studies, documentaries and oral / written history, it could entwine present-past, and in the past the main goal of this dance-fight (capoeira) the quest for freedom of the enslaved people, and today the practice of capoeira is not only to free the body or defend a cause, it has become an element able to include those who practice in a "circle" of equality.

**Keywords:** social education, teaching capoeira, capoeira history, learning.



## LISTRA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| IMAGEM 1: Berimbau .....  | 26 |
| IMAGEM 2: <i>Caxixe</i> .....   | 26 |
| IMAGEM 3: <i>Atabaque</i> .....   | 27 |
| IMAGEM 4: Agogô .....   | 27 |
| IMAGEM 5: Pandeiro .....  | 28 |
| IMAGEM 6: Reco-reco .....   | 28 |
| IMAGEM 7: Uma das primeiras turmas formadas em Aratuba-CE, do grupo Fundação Arte Brasil..... | 41 |
| IMAGEM 8: Turma atual do grupo de Capoeira Fundação Arte .....                                | 42 |
| IMAGEM 9: Evento de graduação; troca de cordas e campeonato desequilibrante .....             | 42 |
| IMAGEM 10: Aula e roda na comunidade dos Fernandes.....                                       | 46 |
| IMAGEM 11: Treino de capoeira do clube recreativo, com a presença do Mestre Pedro. ....       | 46 |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>07</b> |
| <b>CAPÍTULO 1: CAPOEIRA: A CRIAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO .....</b>  | <b>12</b> |
| 1.1. A breve história da capoeira no Brasil.....  | 12        |
| 1.2. Tipos de capoeira, fundamentos e seus mestres no contexto afro-brasileiro. ....                        | 19        |
| 1.3. Os instrumentos e as canções nas rodas de capoeira .....   | 24        |
| 1.4 História escrita entre a marginalidade e a glória, a perseguição e proibição da capoeira no Brasil..... | 29        |
| 1.5 Processos de legitimação da capoeira na sociedade brasileira .....                                      | 32        |
| <b>CAPÍTULO 2: A CAPOEIRA COMO ELEMENTO SOCIOCULTURAL E DE APRENDIZAGEM NA VIDA.....</b>                    | <b>36</b> |
| 2.1 A chegada da ginga da capoeira em Aratuba.....  | 37        |
| 2.2. Quando a capoeira torna-se elemento escolar e de inclusão social.....                                  | 43        |
| 2.3. “A Capoeira também ensina a viver” .....   | 47        |
| 2.4. Vivências na roda de capoeira na vida: escritas de si .....  | 49        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>52</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>55</b> |
| <b>APÊNDICES .....</b>  | <b>57</b> |

## INTRODUÇÃO

O universo da cultura popular brasileira é um campo recheado de diversidades. A cultura brasileira é formada pela influência dos povos que participaram de sua colonização enraizada na história. Falar do Brasil é citar os "brasis" que nele se encontram. Cultura pode ser entendida como um complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes, os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família.

Dessa maneira, trabalhar com esse universo é buscar “viver” e "reviver" sua história contidas no corpo-memória de um lugar ou pessoa. Dentro desse cenário arraigado de influências, temos a Capoeira. Ela se configura como um traço cultural marcante da cultura afro em nossa história. A capoeira é “raiz” da história do Brasil, uma “árvore” que foi ao longo do tempo crescendo e tomando formas (culturais e sociais) provindas de cada cultura, que formou um “baobá<sup>1</sup>”, alicerçando a história do povo brasileiro, em que nós somos o fruto de um rico processo cultural muito peculiar, tornando-nos eternos aprendizes de seus ensinamentos. E como tal manifestação traz em sua essência na sua forma de ser o desafio vivido por um povo que durante séculos lutou pela liberdade de viver em paz.

Capoeira em tupi-guarani significa literalmente: “roça extinta, velha, abandonada”. (co+poera). Foi trazida para o sentido de liberdade, sendo entendida como uma grande expressão da cultura popular brasileira, nascida do afã de liberdade no período do Brasil escravocrata. Compreende-se como a "arte marcial" brasileira, que, através dos seus gingados, apresenta golpes de ataque e defesa.

Sendo um símbolo de resistência e libertação emancipatória, sua bagagem é rica em ensinamentos para vida, que propiciam no sujeito a ampliação da capacidade de um entendimento mais nutritivo do seu cotidiano e frutificam ainda mais as suas experiências pessoais, trazendo em si a força contida no passado e em suas tradições e como esses fatores enriquecem o ser.

Em meio a uma “[...] sociedade do consumo e da exacerbação de princípios *morais* que retardam a consciência do corpo e da mente [...]” (SILVA, 2015, p. 7) negativando a importância de seus materiais culturais. É com o objetivo de analisar a influência que uma cultura popular, no caso a capoeira, interfira de forma positiva na vida

---

<sup>1</sup> Baobá: uma árvore que se originou na África, presente em alguns estados brasileiros, como: Pernambuco, vive certa de 6 mil anos, sendo uma das árvores mais antigas da terra. Esta árvore carrega de forma simbólica a importância e um significado enorme para os negros aqui escravizados e para todo o povo africano, pois simboliza força e resistência. Uma árvore que carrega a essência do povo africano, contida em si toda a memória (sabedoria) deixada para ser guardada ou até mesmo esquecida.

social do sujeito tomando pra si uma vida ainda mais nutritiva, isto é nutrindo a existência. E, para aprofundarmos ainda mais esse assunto transitamos nas vivências dos praticantes de capoeira do grupo Fundação Arte Brasil Capoeira no município de Aratuba – Ceará, onde é possível vivenciar a sua contribuição nas relações sociais e na formação de novos saberes, analisando de perto toda a influência que essa manifestação trouxe aos seus praticantes.

Nessa trajetória pela busca de novos saberes intermediando entre teorias e práticas na capoeira – no grupo Fundação Arte Brasil Capoeira –, tem-se como objeto, buscar através das experiências na roda e na ginga, interlacionando de forma dialógica com as experiências do passado e as vivências do presente, na tentativa de aprofundar o leitor na compreensão mais aguçada: recheado de mistérios, lutas e conquistas de um *povo* (dentro de um contexto histórico: negros escravizados), que, por muito tempo, foi marginalizado.

Em um tempo em que a mesma foi proibida e abolida das ruas, transcreveu um cenário de repressão e manipulação, enxergando em seus praticantes, os capoeiristas a imagem de um “marginal”, fazendo dessa imagem presente ainda nos dias de hoje. Prosseguindo no caminhar compassado de ano a ano, a mesma foi conquistando espaço e reconhecimento, através de suas lutas e de homens que buscaram a evolução necessária para sua preservação.

Os grandes protagonistas dessa história secular, mestre Bimba e mestre Pastinha, que no qual deixaram ensinamentos que hoje ainda são seguidos, descobrindo-se novos personagens que a mantém viva e que de forma ou de outra ainda sofrem os resíduos do preconceito marcado na capoeira. Essa realidade nos mostra que o Brasil ainda sofre pela falta de reconhecimento de sua história, uma sociedade que ainda não compreende o processo de formação social desse país, renegando um fato histórico que foi de total e fundamental importância para o que se é a cultura popular brasileira.

Essa monografia tem como método a etnografia-participante, inter-relacionando com os referenciais teóricos<sup>2</sup> e entrevistas que se fizeram pela forma dialógica ao modo formulado por Paulo Freire, contido em *Pedagogia do Oprimido*. Desse modo, deveria resultar numa *escrita de si*, que se baseia nas práticas e vivências no grupo de capoeira Fundação Arte Brasil, em Aratuba-CE, buscando uma perspectiva educacional libertadora como formação sociocultural dos sujeitos participantes.

A motivação por esta temática está relacionada às experiências vividas com o grupo de capoeira, Fundação Arte Brasil Capoeira na cidade de Aratuba-CE, que despertou

---

<sup>2</sup> Esta monografia tem como base as perspectivas teóricas sobre a capoeira segundo Almir de Areais e Camille Adorno. Ver referências bibliográficas.

em mim o sentimento de amor e admiração desde de muito nova, quando, aos 10 anos, comecei a praticá-la, conhecendo esta arte/luta que é uma das manifestações mais ricas e originais do Brasil. E por que não falar sobre ela, se já havia em mim parte dela? Possuindo meios que avinhassem aprofundar o conhecimento sobre, seria algo de profundo ganho pessoal e acadêmico, mostrando mais uma vez toda a sua trajetória de lutas e vitórias que percorre durante séculos.

A capoeira era algo novo na cidade e muito de estranhamento caiu sobre ela, que, por mais uma vez, teve que enfrentar situações como esta, de rejeição, julgando aquilo que não se conhece. Mas com o tempo e a sua presença nos ambientes encolares, ela foi ganhando espaço e reconhecimento tanto de seus praticantes quando daqueles que só a viam de fora da roda de capoeira, despertando a admiração de muitos ali na cidade de Aratuba.

Para um embasamento mais sustentável, tive como referenciais teóricos-metodológicos grandes autores que estudaram e viveram de forma íntima, assim como eu, a capoeira em suas vidas. Almir de Areias, Camille Adorno foram as peças-chaves do meu trabalho. Tive também bastante suporte com as obras de Maria José Somerlate Barbosa; Rodrigo de Almeida; Letícia Pimenta; André Cypriano; Pedro Rodolpho Jungers Abib; a revista *Antropolítica*, que tornaram-me auxiliaram na realização de um trabalho mais potencializado.

O estudo da capoeira representa uma reavaliação da cultura popular brasileira, principalmente no que tange à população reprimida e que durante tempos foi perseguida e oprimida. Estudá-la nos leva a compreender com olhos críticos todo esse processo de luta e aceitação, que foi sendo reconhecido e valorizado, mas que necessita ainda muito ser estudado.

A sua história se depara com uma carência de registros, do qual os mesmos não faziam parte de informações relevantes para se fazer escritas sobre sua passagem histórica, pois “da documentação referente à época da escravatura, o pouco que existia foi queimado por ordem de Ruy Barbosa, ministro da Fazenda do governo de Deodoro da Fonseca em 1890” (OLIVEIRA, 1989 *apud* ADRIANA, Raquel; 2002, p. 142), não existindo, assim, documentos que certificasse sua passagem. Muito de seus feitos foram se perdendo em meio ao tempo, sendo esquecidos, pois grande parte do que se hoje sabe ao seu respeito foi passado oralmente através das gerações que fizeram de tudo para não deixá-la ser totalmente perdida.

No primeiro capítulo, buscamos abordar fatos históricos dessa manifestação cultural, o seu processo de dominação, como se deu a sua chegada em terras brasileiras, reconhecendo-o todos os seus limites e sua complexidade. No entanto, tentei reafirmar a sua

trajetória de luta e conquistas. Explanaram-se alguns de seus protagonistas, que fizeram ainda mais pela valorização e reconhecimento de sua *arte*, as suas variações enquanto a estilos de luta, que vieram a se dividir em duas modalidades, a capoeira angola e capoeira regional, com certas diferenças, mas que possuem em si princípios ancestrais, orais que não as dividem, tornando-as algo uno.

Abordou-se também o processo de rejeição, que a capoeira passou, mesmo após a abolição da escravatura, a criação de leis que delimitaram a sua proibição, reprimindo ainda mais o espaço do negro/capoeirista, que se via ainda mais preço mesmo estando “livre”. Após um longo período de resistências e lutas, a capoeira foi conquistando gradativamente seu espaço, sendo reconhecida como esporte nacional do Brasil, e posteriormente pela Unesco, como patrimônio imaterial da humanidade.

No segundo capítulo, partimos para uma análise mais experimental, buscando enxergar e repassar a capoeira como um elemento sociocultural de aprendizagens na vida, analisando de que maneira ela chega a interfere de modo direto ou indireto na formação social do sujeito, tendo como referência de análise de campo, o grupo de capoeira (Fundação Arte Brasil) presente no município de Aratuba-CE. Repassou-se de forma dialógica o quanto a cultura popular possui saberes pedagógicos que implementam no crescimento educacional do sujeito, estimulando o aprendiz a produzir um pensamento mais cultural, trabalhando o caráter democrático, introduzindo certos valores sociais, como: o espírito de coletividade, o respeito, fortalecendo e trabalhando o equilíbrio emocional, potencializando a sua força interior, moldando um ser mais confiante de si, mais criativo e crítico. Trabalhando e ensinando o processo de aprendizagem na compreensão mais aguçada a respeito da história da capoeira (escravidão), suas heranças presentes nesse universo e a contribuição na formação cultural e social do Brasil. A sua intervenção como atividade de inclusão social, e como ela se utiliza desse termo e exercita as suas práticas na vida de seus praticantes, tomando de seus ensinamentos de roda e levando-os para fora do espaço da capoeira, tornando-os ensinamentos para a vida, trazendo a visão do capoeirista de forma potencializada e incluindo o sujeito em um universo que valoriza o “homem” enquanto essência e não como matéria, potencializando a sua força vital e trabalhando em si a força interior.

A capoeira traz inúmeros benefícios para a vida do sujeito enquanto forma física e espiritual, no conhecer melhor do corpo, das suas habilidades, no manuseio sábio do corpo como uma fonte de defesa e aprendizagem, e sua relação com a mente: “É como se fosse uma planta que, tomando-se de quantas formas forem necessárias, tenha inúmeras serventias ao organismo e ao espírito humano”. (AREIAS, 1983, p. 112)

É sim um privilégio fazer parte de maneira ativa dessa forma artística e cultural que é a capoeira. Veio ao longo do tempo tornando-se parte da minha história, me descobrindo como um sujeito *lutador*, que luta sempre por conquistar seus objetos. Trabalhei um *eu* mais potencializado, me encontrando e descobrindo em mim limitações e saberes da roda pra vida: “Foi encontrado, e me encontrado nas várias formas de fazer capoeira, que hoje afirmo ser ela um segredo sempre a ser desvendado”. (AREIAS, 1983, p. 112). E é assim, no movimento da ginga, que me movimento com a vida.

## **CAPÍTULO 1: CAPOEIRA: A CRIAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO.**

Para falarmos de capoeira, é necessário retomar a sua intrigante origem, que nos leva a recordar a memória dos anais da história do Brasil como formação da nossa identidade cultural. O início é incerto, e as controversas a respeito de sua originalidade também, mas, mesmo aparte de toda essa divergência de fatos históricos, a capoeira ultrapassou as rasteiras e as negações impostas pelo discurso do colonizador, posteriormente, das elites dominantes, que a viam capoeira como uma manifestação mundana, negando totalmente a integridade da sua própria herança afro-brasileira, sendo perseguida e marginalidade por muito tempo. Tal como diz Adorno: “Herança africana legada à cultura brasileira, o jogo da Capoeira significa valioso contributo à formação da nossa identidade cultural” (ADORNO, 1983, p. 3).

Os mestres que se destacaram e foram oradores fiéis dessa luta secular, que estarão citados no decorrer do trabalho, são Mestre Bimba e mestre Pastinhas. Dos instrumentos que possuem seus significados e suas canções que transmitem suas vivências. Todo o seu conjunto de performances e a sua mescla fazem da capoeira uma luta constituída por um leque de experiências, com toda a sua beleza característica, que a faz única majestosa, o que nos levando a vê-la com esse olhar de autoafirmação da nossa própria identidade, reconhecendo-a e vivenciando-a. E, ao abordar essa temática da capoeira, entramos em uma janela de possibilidades de inclusão, como a mesma transforma a vida daqueles a quem a praticam, levando ensinamentos e referências de estilos de vida.

Os saberes de roda de capoeira são como uma forma alternativa de educação pra vida, diferente dos ensinamentos habituais, enxergando-a como um campo rico de experiências educacionais. Deve-se encarar a sua trajetória como uma massa enriquecedora de toda a estrutura cultural que hoje vive a história Brasil, e buscar a continuidade do caminhar de sua história.



## 1.1 A breve história da capoeira no Brasil.

A capoeira está diretamente associada ao processo de escravidão no Brasil e sua trajetória é preenchida de obstáculos aparentemente intransponíveis, que se tornaram ao longo do tempo símbolos de uma luta incansável por vitória. Trata-se da narrativa autêntica de um povo, contida de altos e baixos, traduzida diretamente na história do Brasil, de uma das mais significativas manifestações culturais do país; faz parte da criação de uma cultura híbrida – que procede da miscigenação de diferentes culturas, na mistura de estilos, gostos, pensamentos, tendo os índios, negros e brancos como personagens desse processo de formação cultural.

A sua origem e a denominação exata do que, de fato, se reconhece a capoeira como dança, luta ou esporte são questões que sempre estão presentes no espaço de discussão desse tema; dúvidas que ainda persistem atualmente, mas que a maioria dos estudos feitos sobre essa prática se certifica que a mesma foi criada em terras brasileiras, aparte do desejo de fazer dessa arte parte do que é o Brasil. Sua prática é brasileira, mas em sua essência existe uma cosmovisão africana, tornando a capoeira uma manifestação afro-brasileira.

É importante salientar a grande dificuldade de documentações a respeito desse momento histórico, em que os registros manuscritos sempre foram algo de pouca disponibilização, então, o que temos é a rica oralidade provinda das raízes da cultura africana que não deixaram a história da capoeira se perder em meio ao tempo e ao descaso dado pelos líderes, que durante tanto tempo a excluíram.

O relato oral está, segundo Maria Isaura Queiroz (1991), na base da obtenção de toda sorte de informações e antecede outras técnicas de obtenção e conservação do saber; “a palavra parece ter sido, senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal” (p. 03). A metodologia da História Oral permite registrar a experiência de um só indivíduo, ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. A História Oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas destes também recolhe mitos, crenças e tradições. Na verdade, diz Queiroz, tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, de um grupo e seja ela real ou mítica. Certamente, histórias de vida não esgotam todos os aspectos e nem todas as interpretações dos fenômenos que se pretende esclarecer, mas sempre levanta relevantes questões sobre as quais não se havia cogitado ainda, ou fornece novas perspectivas a respeito do que já se conhecia. (ABIB. 2004, p. 91)

Rui Barbosa, conhecido por “Águia de Hala”, ministro da fazenda do governo de Deodoro da Fonseca, em 1890, queimou todos os documentos referentes à época de escravidão, com a alegação de que esse fato serviria de evidências, isto é, “provas de uma

vergonha nacional”, com a tentativa de apagar a passagem negra no Brasil, já se enquadrando o termo branqueamento na identidade cultural brasileira, detectando a negação da participação dos africanos na formação social do Brasil.

Tentativas como essas de censurar a voz, os passos e a própria vida e de diversas outras maneiras sempre se fizeram presentes no caminhar da vida negra, que, em meio aos líderes, buscavam a todo custo encobrir, ocultar, apagar, ou seja, deslegitimar uma parte da história de tão estimada importância para todos aqueles que, reconhecidos ou não, fazem parte sim dessa cultura negra

A pouca discussão sobre a história e cultura africana, impede um entendimento da história e da cultura brasileira a partir da visão dos afrodescendentes, pois sem este conhecimento ela se torna uma história unilateral, branca, marcada por concepções eurocêntricas. Concepções estas marcadas pelo preconceito. Para termos uma história do Brasil, torna-se indispensável um mergulho na história e na cultura africana, pois a sociedade brasileira é produto da participação de africanos e afrodescendentes em associação com povos de outras origens. (OLIVEIRA, 2008, p. 4)

O não conhecimento nos leva a prejudicar, e isso aconteceu muito com a capoeira. A falta de conhecimento e compreensão levaram-na a ser discriminada por diversos fatores, e a viver à margem de uma sociedade de líderes que criminalizavam e repudiavam a prática dessa luta.

Para podermos falar da capoeira com uma autenticidade é preciso conhecê-la a fundo, na sua total diversidade, na construção, evolução e desenvolvimento da sua história, que faz de sua prática uma “criação humana e não estética do ser humano” (ADORNO, 1983, p. 8), que começa a dar seus primeiros passos na época de escravidão.

O escravagismo perpetuou por séculos e foi responsável por deixar diversas marcas na alma, na terra e na vida daqueles que foram personagens ativos dessa grande e memorável história de colonização por todo o mundo, que se fez presente no continente Asiático, Africano e, por fim, no continente Americano, que foi onde se fez a formação dessa luta, essa manifestação cultural de uma linguagem.

Quando falamos a respeito de escravidão é impossível não associá-la aos Europeus que se fizeram presentes no continente africano desde meados de 1430. Sua chegada representava destruição pra todos os nativos e lucro para sua nação.

No fim do século, Portugal recebia em média 12.000 escravos por ano, provenientes a princípio de Guiné, São Tomé, Príncipe e mais tarde de Angola, Moçambique e demais regiões africanas. A escravidão torna-se a mais próspera indústria do país. (ADORNO. 1983. p. 12)

No entanto, todo esse êxito na captura dos negros africanos se dava aparte dos “[...] chefes de grupos tribais que eram corrompidos pelos mercadores europeus em troca de tecidos, joias, metais preciosos (como ouro e cobre), armas, tabaco, algodão, cachaça e mesmo búzios - considerados objetos sagrados, e até funcionando como moeda” (ADORNO, 1983, p. 19).

Depois de serem capturados, os negros eram embarcados e destinados à América, mas até chegarem ao destino, seus dias eram preenchidos de muito sofrimento e dor. Tumbeiros eram os chamados navios negreiros, em que não lhes era dado nenhum tipo de conforto durante a viagem, deixando-os em um estado ainda mais cruel e desumano.

Viajando nos porões dos navios, os negros eram postos à mais completa promiscuidade, os maus tratos eram constantes, sem contar na dor imensa que já traziam no peito por estar longe de tudo aquilo que amavam e permaneciam ali sucumbindo a terrível e desumana condição que eram submetidos muitos não suportavam tamanho sofrimento e acabavam morrendo antes mesmo de chegar ao destino.

Rugendas fez um registro:

Tenha-se a imagem cruel do negro em face da separação de tudo quanto lhe era caro e sejam recordados os efeitos do mais profundo abatimento ou mais terrível desespero de espírito, unido às privações do corpo e às provações da viagem. Então não se estranhará a baixa mortal de tantos, no alto-mar. (ADORNO, 1983, p. 20)

A escravidão no Brasil foi introduzida aparte do cultivo da cana de açúcar por meados do século XVI em 1532, sob o reinado de D. João III, que foi conhecido como O Colonizador. Essa nova extração de trabalho necessitava de uma mão de obra escrava, e nada mais promissor do que a mão de obra dos negros, que vinham das colônias africanas, que eram leiloados e vendidos nos portos de desembarque e, assim, distribuídos por várias regiões do país, levados para as fazendas de canaviais, e instalados nos engenhos de açúcar no Nordeste Brasileiro onde se concentrava a maior parte de plantações de canaviais no Brasil.

“Afonso Taunay estima que teriam entrado no Brasil, nos séculos XVI, XVII e XVIII, respectivamente 100.000, 600.000 e 1.300.000 negros escravizados” (ADORNO, 1983, p. 21). Uma quantidade assustadora de pessoas provinda de uma sociedade que foi devastada não só socialmente mais também espiritualmente.

Ao chegarem às fazendas de açúcar, eram forçados a trabalhar severamente, de sol a sol nos canaviais, nas oficinas, nas casas ou em qualquer outro espaço de trabalho, e recebiam como pagamento de tanto trabalho castigos, “pano e pão”. Os escravos eram as

mãos e pés dos senhores de engenho e, praticamente, toda a riqueza do Brasil produzida naquela época era vinda do trabalho suado desses que, aqui, eram escravizados, tornando-se uma das fontes de renda mais promissoras.

Depois de muito trabalho, de sol a sol, sem tempo de repor as forças, com pouca comida e muito sofrimento, muitos dos negros perceberam a necessidade de desenvolver formas de proteção contra a violência e repressão dos colonizadores brasileiros e foram buscando e encontrando em si mesmos a essência de suas armas.

A escravidão nunca foi aceita de forma passiva pelos escravos, que sempre se colocaram contra as formas de tratamento aos quais eram impostos. E foi assim que os escravizados, aparte de atos como estes perceberam que a escravidão e dominação não seria por muitos aceita assim tão facilmente, e que teriam que enfrentar por diante muitas batalhas contra um povo que exigia apenas o direito de viver.

As fugas sempre estiveram presentes no dia a dia dos escravos, mas, para abolir essas fugas, existiam aqueles que eram responsáveis pela captura dos negros fugidos, os temíveis *capitães-do-mato*<sup>3</sup> que faziam dos castigos e punições ainda mais severos e mortais, deixando no ar a mensagem de medo, desencorajando qualquer outro que pretendesse vir a fugir, tentando retirar o pensamento e a força de liberdade que existia em seus corações, mantendo de certo modo a ordem. Na música de Sérgio Ricardo, ele descreve certa situação vivida nas senzalas das fazendas de cafezais.

São dois pra bater no negro  
De pau, chicote e facão  
Pra se safar tem o negro  
Só dois pés e duas mãos  
É a mão pelo pé  
É o pé pela mão  
Bate na cara  
Derruba no chão  
(Sérgio Ricardo, Brincadeira de Angola)<sup>4</sup>

Nesse ambiente, que transmitia tanto o sofrimento mental quanto o corporal, nasce o espírito de *camaradagem*<sup>5</sup> entre os escravos de várias culturas diferentes e é, dessa forma, dessa mistura de culturas africanas, desse desejo ardente de melhorar a situação em que se encontravam, pela esperança, pelo amor a seus ancestrais que nasce a prática da mais

<sup>3</sup> O capitão do mato era na origem um empregador público da última categoria encarregado de reprimir os pequenos delitos ocorridos no campo. Na sociedade escravocrata do Brasil, a tarefa principal ficou a de capturar os escravos fugidos.

<sup>4</sup> Fonte: <https://www.letras.mus.br/mpb4/1811628/>, acesso em 13 de maio de 2016

<sup>5</sup> Condições de camaradas, de companheiros, de amigos; sentimento ou relação que há ou se desenvolve entre camaradas; familiares, cordialmente, companheirismo.

tarde chamada capoeira. Nasceu brinquedo, dança, jogo, luta, arte; nasceu cultura afro-brasileira, que era movida pelo instinto de sobrevivência. Os negros logo descobriram que então poderiam em seu corpo a criar uma arma feroz e eficaz a serviço de sua liberdade. “Coube ao corpo, único lugar seguro, a herança do que ficou perdido. O corpo ganha assim, conforme Júlio Tavares (1997), a função de “arquivo-armas” e, junto da tradição oral, constitui-se em manancial da população afro-brasileira”. (ABIB, 2004, p. 96)

“Dança guerreira  
 Corpo do negro é de mola  
 Na Capoeira  
 Negro embola e desembola  
 E a dança que era uma festa pro povo da terra  
 Virou a principal defesa do negro na guerra  
 Pelo que se chamou libertação  
 E por toda força, coragem e rebeldia  
 Louvado será todo dia  
 Que esse povo cantar e lembrar o jogo  
 De Angola  
 Da escravidão no Brasil”  
 (Mauro Duarte/Paulo Cesar Pinheiro)<sup>6</sup>

Essa expressão corporal, que não se firmava só no corpo, mas também na alma, ajudava aos escravos a matar a saudade de suas terras através da música, do batuque e das histórias contadas nas rodas, já que eram proibidos de realizar e cultivar suas crenças. A capoeira não era apenas uma forma de luta, mas sim uma “filosofia” de vida, pois trazia em sua essência o ar de esperança de uma vida melhor e mais vivaz.

No tempo em que o negro chegava fechado em gaiola  
 Nasceu no Brasil  
 Quilombo e Quilombola  
 E todo dia  
 Negro fugia juntando a corriola  
 De estalo de açoite, de ponta de faca e zunido de bala negro voltava pra argola  
 No meio da senzala  
 E ao som do tambor primitivo berimbau, maraca e viola  
 Negro gritava: - abre ala!  
 Vai ter jogo de Angola”  
 (Mauro Duarte/Paulo Cesar Pinheiro, Jogo de Angola)<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Fonte: <http://pages.uoregon.edu/mlclark/brasil/Jogo%20de%20Angola.html>, acesso em 13 de maio de 2016

<sup>7</sup> Idem.

Iniciou-se nos armazéns e nos terrenos de mata mais rala a prática da capoeira, que tem seu nome originário do *tupi*<sup>8</sup> e que se refere ao próprio ambiente de prática da mesma, os capoeirais que era assim chamado os pastos de mata baixa. Mas era praticada sobe fachada de uma dança, demonstrando ser totalmente inofensiva aos olhos dos seus superiores. Acompanhada pela batida dos tambores e o ritmo das músicas, a capoeira permanecia disfarçada, sem nenhuma ameaça pra os capatazes, que eram responsáveis pela captura dos negros fugidos.

A capoeira é um ritual de luta, dança e jogo que funciona como um sistema recreativo, estético, ético e profissional. Mestres e aprendizes cultuam-na como um processo libertário no qual o individuo aprende a se posicionar no centro de si mesmo e a encontrar seu espaço de mediação, ou seja, seu ponto de referência na roda do jogo e do mundo. Para eles, a capoeira é a articulação de uma linguagem do corpo com os planos mental e espiritual. A aprendizagem dessa luta/arte/filosofia inclui o conhecimento dos instrumentos e dos cantos. (BARBOSA, 2005, p.78)

A constante vida de práticas violentas sobre os negros, causada pelos senhores de engenho, fazia do mato as suas moradias, e as fugas cada vez mais organizadas e mais frequentes fizeram com que se fossem criando certas resistências, que foram chamadas de *Quilombos*<sup>9</sup>, “as cidades dos escravos”. Lugar esse que despertava em seus próprios a esperança de uma liberdade “assegurada”.

As comunidades quilombolas fizeram parte de todas as capitâneas brasileiras, mas principalmente nas regiões de Pernambuco, Alagoas e Bahia, cada uma delas tiveram a sua importância na busca por liberdade, ficando na história como símbolos de resistências.

Uma dessas comunidades Quilombolas ficou bastante conhecida por seus feitos em guerra, que foi o *Quilombo dos Palmares*, sendo o maior de todos os *redutos*<sup>10</sup> de negros fugidos, chefiada pelo *Ganga-Zumba*, mais tarde conhecido por Zumbi, “o grande general das armas” (AREIAS, 1983, p. 13), que abrigou cerca de 50 mil escravos fugidos, se tornando um dos maiores líderes dessa história de lutas e conquistas.

*Zumbi, comandante-guerreiro*

*Ogum-iê, ferreiro mor, capitão*

*Da capitania da minha cabeça*

<sup>8</sup> Maior tronco linguístico indígena do Brasil.

<sup>9</sup> Quilombos; s.m. Lugar secreto em que ficavam ou para onde iam os escravos fugidos, normalmente encoberto ou escondido em meio ao mato: quilombo dos Palmares. Dicionário online de Português.

<sup>10</sup> Redutos; Recinto construído no interior de uma fortaleza par aumentar a resistência desta; lugar fechado que serve de abrigo. s.m. Pequena obra de fortificação isolada. Espaço fechado. Recinto demarcado. Ponto de concentração. (Dicionário online de Português)

*Mandai alforria pro meu coração*

(Gilberto Gil/ Walid Salomão, Zumbi, A felicidade guerreira)<sup>11</sup>

Com a proliferação das formações de quilombos e da ameaça eminente, aos senhores de engenho, e contra o próprio governo e as forças oficiais, tiveram que de uma vez por toda acabar com essa organização quilombola, aumentando ainda mais os castigos e punições, cassando a prática da capoeira como um ato criminoso.

A destruição do Quilombo do Palmares aconteceu cerca de 70 anos depois de seu início, mas seu fim não cessou a luta em busca de liberdade, foi apenas o ponto de referência, um ponto de partida para uma sociedade que buscava por libertação. Os negros fugidos lutaram por diversas vezes incansavelmente pela busca por uma vida livre, e chagaram a derrotar cerca de 24 expedições, e se fizeram firmes por mais de cem anos.

Zumbi de Palmares foi morto em combate, tendo a sua cabeça decepada e posta em exposição em praça pública na cidade de Recife, como forma de uma tentativa de repressão, de implantação do medo e de desfazer o mito do grande guerreiro, Zumbi de Palmares. Mas apesar disso, e da destruição de muitos quilombos e da volta às senzalas de muitos negros, a ânsia de liberdade persistia viva em cada um dos negros escravizados, que viam em cada “batalha” um degrau para a “vitória”.

E era assim que os escravos se faziam vivos, dançando, brincando de luta se divertindo aspirando-se por dias melhores. Assim, calados em uma história de lutas e sofrimentos, “[...] tivemos o início de uma arte que muitos já praticam, porém de que poucos conhecem a origem e seus fundamentos”. (AREAIS, 1983, p. 20)

## **1.2 Tipos de capoeira, fundamentos e seus mestres no contexto afro-brasileiro.**

A capoeira em toda a sua dimensão cultural e histórica passou por um processo de desenvolvimento e transformação, que foi com o tempo adquirindo novas formas e nomes. Uma capoeira que foi adquirindo ramificações e mestres, que foram ainda mais enraizando seus ensinamentos. Estilos de uma capoeira, que se diferencia em seus movimentos, mas que suas essências se interligam pra muito além do corpo.

---

<sup>11</sup> Fonte: <https://www.lettras.mus.br/gilberto-gil/67669/>, acesso 13 de maio de 2016.

Dança negra. Com muitos rituais. Brincadeira de movimentos com malícia. Na dança negra de pés no chão a agilidade da esquiva e a esperteza da fuga. E de repente, ante os olhos surpresos do adversário, o gesto rápido. O ataque fulminante. Então, prostrado, o inimigo se dá conta de que foi vítima da mandinga. Isto, se ainda tiver vida. (ADORNO, 1987, p. 04)

A capoeira, acima de tudo, é uma arte de manifestação comum e que seus estilos diferentes nunca e nem jamais a diminuiram ou a separaram, muito mais que isso, pois uma, de certo modo, depende uma da outra; suas diferenças fazem de ambas ainda mais ricas e potencializadas em seus objetivos.

Para o reconhecimento e popularização da capoeira no espaço nacional brasileiro e mais tardiamente no mundo, contamos com a grande contribuição de mestres<sup>12</sup> memoráveis, que foram a matriz e certamente a força maior de uma capoeira resistente e apaixonada pela vida. Mestre Pastinha e Mestre Bimba foram protagonistas dessa história e dedicaram suas vidas à proteção dessa cultura, que carrega em sua essência a luta por liberdade e dignidade de um povo. Como estão contidas nesta música, temos as referências da capoeira Angola e da Capoeira Regional e seus mestres:

Motivo de estudo  
 Por nossos folcloristas  
 Falo de dois velhos mestres  
 Dois grandes capoeiristas  
 Todos dois eram baianos  
 Lá da santa terrinha  
 Falo de Mestre Bimba  
 Falo de Mestre Pastinha [...]  
 [...] Bimba criou a Regional  
 E agora o capoeira  
 Já podia levantar  
 Tem muita gente que fala  
 De manter a tradição  
 Seu Bimba manteve tudo

---

<sup>12</sup> Mestres: São assim chamados os líderes, os mais experientes, os que comandam uma roda de capoeira, a autoridade maior dos capoeiristas.



Só implantou inovação  
 Capoeira não tem tipo  
 Não tem parcialidade  
 Disso sabiam os dois mestres  
 Capoeira é unidade [...]  
 (Perna, Grupo Abadá Capoeira. Louvação dos Mestres)<sup>13</sup>

A capoeira, embora constantemente perseguida e reprimida, continuou a fazer seu caminho e a escrever sua história. Como já foi visto anteriormente, a capoeira passou a ser praticada por uma vasta camada da população que era cada vez mais marginalizada, e foi em consequência dessa perseguição que a necessidade de aperfeiçoamento surgiu para aliviar e facilitar a fuga dos capoeiristas.

Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha, nasceu em 1889 em Salvador; foi e é considerado o mestre dos mestres da capoeira Angola, pois, para ele, a mesma não era apenas uma luta, mas sim uma filosofia de vida, pois trazia em seu coração a arte do que era viver intensamente a capoeira, que para ele era mais que “[...] uma simples luta, ele a sentia antes de tudo como uma seita, uma maneira de ser e existir [...]”. (AREIAS, 1983, p. 65)

Essa capoeira baseava-se nos movimentos naturais do próprio corpo, e da imitação de certos movimentos dos animais; seus golpes caracterizam-se em aspectos de desequilíbrio, rasteiros, nas quais as mãos sempre estão ao tocar no chão, fazendo da defesa seu grande ataque, no reflexo instintivo do corpo, com malícia e moleza, levando o gingado para todo o corpo e transparecendo isso para a roda.

Jogue comigo com muito cuidado! (Coro)  
 Você só apanha se for malcriado.  
 Se você não bater, eu também não lhe bato.  
 É o jogo de Angola, meu camarado!  
 Seja manhoso, mas não seja malvado.

(BOLA SETE, 1997, 143)

A capoeira Angola é mais ligada em uma cosmologia africana, na importância cósmica de cada ação na roda, seguindo cada batuque de ritmo e se ligado espiritualmente

<sup>13</sup> Fonte: <https://www.lettras.mus.br/abada-capoeira/1721229/>, acesso em 13 de maio de 2016.

ainda mais a eles, no chão o contado direto com a leveza e mandinga em cada passo. Mestre Pastinha vivia essa luta e muitas músicas estão contidas relatos de suas vivências:

[...] A capoeira  
 É um jogo, é um brinquedo  
 É se respeitar o medo  
 É dosar bem a coragem  
 É uma luta  
 É manhã de mandingueiro  
 É um vento no veleiro  
 É um lamento na senzala  
 É um berimbau bem tocado  
 É um corpo arrepiado  
 É um sorriso de um menino  
 A capoeira  
 É o voo do passarinho  
 É bote da cobra coral  
 É sentir na boca  
 O gosto do perigo  
 É sorrir para o inimigo  
 É aperta a sua mão  
 A capoeira  
 É grito de Zumbi  
 Ecoando no quilombo  
 É se levantar do tombo  
 Antes de chegar ao chão  
 É ódio  
 Esperança que renasce  
 Uma tapa que explodiu na face  
 E vai arder no coração  
 Em fim é aceitar o desafio  
 Com vontade de lutar  
 A capoeira é um barco pequenininho  
 Solto nas ondas do mar  
 É um peixe pequenininho  
 Só pelas ondas do mar  
 Camará!

(Certo dia perguntaram a seu Pastinha, Ladainha)<sup>14</sup>

Mestre Pastinha pregava a tradição da capoeira e fez dela a sua vida, fazendo de cada ato de movimento no dia-a-dia uma verdadeira arte da capoeira, e em uma de suas expressões, ele diz que “a capoeira é mandiga, é malícia, é tudo que a boca come” e fez dessa e de outras expressões sua filosofia de vida. Segundo Barbosa (2005), ao estudar a capoeira, diz que: “Seguindo a tradição oral africana, Mestre Pastinha ensinava capoeira usando

<sup>14</sup> Fonte: <https://bolognangola.wordpress.com/2012/01/03/certo-dia-perguntaram-a-seu-pastinha/>, acesso em 13 de maio de 16

aforismos e quebra-cabeças linguísticos inscritos nas canções que passava a seus discípulos”. (BARBOSA, 2005, p. 82)

Em 1910, tornou-se realmente professor de capoeira e foi repassando seus ensinamentos da capoeira Angola para seus discípulos, que deram continuidade à sua tradição, conhecendo as leis do ritual, sendo malicioso na roda e na vida. São qualidades que se tornam importantes do que mesmo a prática dos golpes.

Mestre Pastinha se imortalizou na história escrita e oral da capoeira, e nas referências de muitos capoeiristas do Brasil e de outras partes do mundo. Mas o “mundo” o deixou sozinho e foi, na velhice, que o mesmo se viu jogado à rua como seus ancestrais no tempo na escravidão. Vivendo os últimos dias de sua vida cego e doente em um abrigo no bairro de Roma, Salvador, viu a escuridão como uma das últimas imagens de sua vida, e foi ao encontro dela, vindo a falecer em 13 de novembro de 1981, Salvador – BA.

Toda a perseguição sofrida pelos capoeiristas levou a Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba, à tentativa de desmarginalizar a capoeira, retirando-a das ruas, e criando a primeira escola de capoeira, fazendo dela um esporte de caráter nacional, já que a mesma era vista como um crime, que constava inclusive no Código Penal Brasileiro de 1890. Bimba utilizou de modificações substanciais, a adequação de novos golpes, um novo jeito de se jogar a capoeira, estava aí nascendo, então, a Capoeira Regional.

Bimba, apesar de ter criado o novo estilo de capoeira, a regional, foi na capoeira angola que se militou e afluou seu sentimento por capoeira. O início de uma é o prosseguir da história da outra, pois a capoeira angola é considerada a capoeira mãe, firmando mais uma vez a importância de ambas.

A Capoeira Regional é em maneira de jogo bem diferente da capoeira angola, a que era associada à capoeira jogada pelos escravos. Os golpes são mais abertos, a movimentação é mais ginástica, abrindo espaço para a introdução de golpes de outras lutas como o judô, greco-romana e a utilização de instrumentos como o *maculelê*, que é dança/luta que utiliza pedaços de madeira, ou quando mais treinados utilizam facões, fazendo golpes que mantêm o contado com o parceiro de luta, uma mesclagem de golpes com instrumentos, mais acrobáticos e rápidos.

Capoeira Regional, que é jogado de uma maneira mais ereta (os golpes são deferidos ao nível do peito ou da cabeça) e em que não se canta a ladainha. Os jogadores podem ser interrompidos por um outro que deseja “comprar o jogo, ” a roda é mais aberta e há mais atletismo e exibição de habilidade física. A partir dos anos sessenta, quando houve uma maior divulgação da capoeira no Rio de Janeiro e em São Paulo, instituíram-se também os

“batizados” (a cerimônia em que se confere ao estudante o cordão, semelhante às faixas de judô ou karatê). (BARBOSA, 2005, p. 81)

Depois de tantas e diversas turbulências em meio ao mundo da capoeira, em 1953, mestre Bimba, que já era um grande e importante capoeirista, teve o prazer de apresentar a capoeira ao então presidente Getúlio Vargas, que ficou fascinado pela arte que a decretou ser um esporte nacional brasileiro. Essa foi uma data que ficou marcada como o início de diversos outros reconhecimentos.

A convivência entre essas duas modalidades de capoeira é, de certo modo, conturbada, pois existe certa “rivalidade” a respeito das formas de se jogar a capoeira e qual seria a mais “verdadeira”. A Capoeira Regional é, em certos aspectos, mais violenta e explosiva e é essa “violência” que desperta certa intolerância aos praticantes da Capoeira Angola. Mas apesar de existir essa repulsa à violência, é inevitável negar que a mesma também tenha essa “violência” em sua essência, melhor dizendo faz parte de sua história.

Embora exista essa divergência entre ambas, as duas se complementam e formam como um todo uma capoeira forte e rica de ensinamentos. Foi-se percebendo que as intrigas e divergências não estavam nas formas de capoeira, mas sim na não aceitação do outro.

Ao contrário daqueles que sentem a necessidade de separar e redimensionar a Capoeira Angola da Regional, destacando os aspectos de luta e acrobacia desta última, há estudiosos e praticantes que enfatizam mais a semelhança, o diálogo e a sintonia do que as diferenças. Barbara Browning, por exemplo, considera que os dois estilos “parecem estar em diálogo um com o outro, conversando a mesma fala dupla” (114). Atualmente há muitas academias e mestres—tanto no Brasil como no em outros países—que misturam elementos de Capoeira Angola e Regional, criando um estilo híbrido. (BARBOSA, 2005, p. 83)

Para ser um grande capoeirista, é preciso ter sua fundamentação bem enriquecida com seu jogo amplamente conjunto, não ter conhecimento apenas da arte da capoeira praticada por ser, mas também da história relacionada de ambas, pois os dois estilos é que fazem da capoeira um esporte tão diferente e inspirador, que traz em cada passo de luta um passo de vitória na história. E suas marcas foram deixadas por seus mestres em cada discípulo, que tiveram a honra de terem eles como mestres, e que ainda dão continuidade a seus ensinamentos passando de professor para aluno, dando a eles esse papel de deixar a história de vida deles viva em cada um.

### 1.3. Os instrumentos e as canções nas rodas de capoeira

Os instrumentos e as canções são peças-chaves da capoeira, desempenhando papéis de suma importância. As fugas das senzalas ainda eram constantes depois da abolição dos escravos e a necessidade de sobreviver falava ainda mais alto, e foi daí que a música e os instrumentos se fizeram ainda mais presentes e essenciais no disfarce da prática da capoeira.

Apesar de não estar presente nos primeiros passos da capoeira, hoje a música e os instrumentos fazem parte do que é a capoeira. Um depende do outro para existir; a roda de capoeira só se faz roda com música. Viver a luta é fazer da música a fonte de inspiração, é deixar o toque do *berimbau* fazer a condução dos passos na roda de capoeira e na vida, na letra das músicas a louvação de suas conquistas.

Através do disfarce da luta com a dança, os praticantes conseguiam se esquivar do perigo que lhes rodeava, e, com a ajuda dos instrumentos, sinaliza o perigo de se desviar dele. A música dava-lhes reflexões, lhes remetia lembranças e a oportunidade de fazer dela o conto de suas histórias, preservando a memória de suas tradições.

Foram-se criados diversos toques de berimbau, e cada um deles possui a sua peculiaridade.

A ladainha, tradicional da capoeira angola, é a música que antecede o jogo e é cantada em forma de lamento, independentemente da história que vai contar. O ritmo é lento e sofrido, e o conteúdo corresponde a uma oração traduzida em versos. Agachados ao pé do berimbau os participantes meditam e oram esperando o momento de entrar na roda. Durante a ladainha apenas um capoeirista canta, acompanhado por instrumentos. (ALMEIDA; PIMENTA; CYPRIANO. 2009, p. 43)

Seguindo a ordem de cantigas, após a ladainha vem a chula, “[...] uma cantiga curta, normalmente feita de improviso [...] divididas entre o cantador e os demais capoeiristas”. (ALMEIDA; PIMENTA; CYPRIANO. 2009, p. 43). O corrido é o próximo ritmo a se tocar e cantar, que como o próprio nome já diz é mais rápido e os capoeiristas já podem se levantar e acompanhar com palmas e coro o desabrocha a música.

Os instrumentos que estão presentes na capoeira angola são três berimbaus, “(Berra-Boi, de tom mais grave; Gunga de tom mediano e Viola, de tom mais aguçado) um ou dois pandeiros, um atabaque, um agogô e um reco-reco. A formação da capoeira regional é mais simples: dois berimbaus e dois pandeiros”. (ALMEIDA; PIMENTA; CYPRIANO. 2009, p. 42), mas que podem mudar de acordo com a filosofia de cada grupo e de seu mestre.

Fazendo a classificação numérica para melhor explicar esse assunto, fica assim a definição de cada instrumento usado nas rodas de capoeira:

- **Berimbau**

O berimbau é considerado o mestre da capoeira e era o instrumento usado para dar ritmo à dança, mas, além disso, existia um valor a mais para seu uso. Nos tempos do Brasil Império em que a capoeira era perseguida, servia para avisar a chegada dos senhores de engenho, capitães do mato às senzalas ou em outros ambientes que estivessem praticando a capoeira, e depois da abolição passou a anunciar a chegada dos policiais, da guarda real. O berimbau é o que comanda o jogo, e existem três tipos de berimbau. O Gunga, que possui um som mais grave e levando para a relação com outros instrumentos, faz o papel de contrabaixo; é considerado o líder de todos os outros instrumentos, e em uma roda deve ser tocado pelo mais experiente capoeirista. O “Médio (cuja função é manter o ritmo do toque) e Viola ou Violinha (que determina as variações rítmicas) ”. (BARBOSA, 2005, p. 80) O instrumento (berimbau) é composto pela verga, um arco de madeira com aproximadamente 1,20m, que é retirado na maioria das vezes da árvore biriba, mais conhecida como *imbiriba*, mas também se faz com madeira *inharé* ou *pitiá*; um fio de aço que fica ligado as extremidades do arco; uma cabaça raspada, que serve como uma caixa sonora; e é tocado com a baqueta – vareta curta de madeira – e o dobrão (uma peça de metal, antigamente uma moeda), com acompanhamento do *caxixi*.



Foto: Google *imagens*.

- **Caxixi**

É um pequeno cesto, feito de palha seca, com sua base feita com um pedaço de cabaça cortada em forma circular, com sementes (sem delimitação). Tem, possivelmente, influências africanas e dos indígenas brasileiros em sua construção. Usado com o berimbau, e

tocado com a mão que segura a baqueta, dando um segundo momento no ritmo da baqueta no fio de aço do berimbau, completando o som do berimbau.



Foto: Google *imagens*.

- **Atabaque**

É um tambor cilíndrico, em que uma de suas extremidades possui a “boca” coberta por couro (seco) de boi; veado ou bode, com cordas em seu revestimento de madeira. De origem afro-brasileira, com uso tradicional também em rituais de candomblé. Na Capoeira Angola, é tocado só com as mãos e acompanhado pelo *show* berimbau Gunga na marcação do ritmo do jogo.



Foto: Google *imagens*.

- **Agogô**

É um instrumento de origem africana. Tem a função de ser um contraponto rítmico aos berimbaus e ao atabaque, e feito de ferro, onde uma alça apoia dois cones de tamanhos diferentes, e que quando percutidos através de uma baqueta, emitem sons próprios. Sendo também confeccionado de madeira e coco, que seria a forma mais utilizada na capoeira.



Foto: Google *imagens*.

- **Pandeiro**

O pandeiro é um instrumento que compõem a bateria de muitas outras manifestações musicais, como: o pagode, o samba, e dentre outras. Possui origens possivelmente asiáticas, usado muito em Portugal. E o mesmo acompanha as batidas do atabaque e o vai complemento esse acorde de sons.



Foto: Google *imagens*.

- **Reco-reco**

Instrumento de percussão fina, feito de metal ou de madeira. No primeiro modelo, consiste numa caixa pequena de metal com duas ou três molas de aço; no segundo modelo, (o que consta na ilustração abaixo), consiste no gomo de bambu ou uma pequena ripa de madeira



com talhos transversais, que enriquecem o conjunto com detalhes e variedade sonora. Na Capoeira Angola, o reco-reco acrescenta esta variedade às vibrações únicas do agogô.



Foto: Google *imagens*.

Os instrumentos possuem suas funções que foram citadas acima, e esses ensinamentos musicais também são repassados para o aluno. O berimbau possui um respeito a mais numa roda, sendo reverenciado toda vez que se entra para jogar, curva-se o jogador como um gesto de respeito à autoridade maior da roda.

As canções são relatos de experiências vividas ou que descrevem o temor e as perseguições, que são levadas e repassadas, cantadas e vividas, “[...] descrevendo os usos, costumes, e folclores da Bahia, apresentam fragmentos da história do Brasil e recontam lendas e provérbios populares”. (BARBOSA, 2005, p. 86). Quem escuta sentem na pele o arrepiar de cada toque e acorde, que trazem nas letras a história desse povo guerreiro. Como relata essa cantiga, “Mundo Enganador” de mestre Barrão:

Oi vivemos aqui nessa terra  
 Lutando pra sobreviver  
 O Lugar onde poucos têm muito  
 E muito sem ter o que comer  
 Olhando isso eu fico triste  
 Me pergunto qual é a solução?  
 Estou feliz por ter a capoeira  
 Como forma de expressão  
 Capoeira é uma arte  
 E arte é obra de Deus

Nesta terra eu não tenho muito (refrão)  
 Mas tudo que eu tenho foi Deus que me deu (refrão)  
 (Mestre BARÃO. Mundo Engandor)<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Fonte: <https://www.lettras.mus.br/mestre-barrao/451485/>, acesso em 13 de maio de 2016

#### **1.4 História escrita entre a marginalidade e a glória, a perseguição e proibição da capoeira no Brasil.**

A repressão sofrida pela manifestação da capoeira foi desde o seu nascimento tratada com desprezo. Os poderes governamentais sempre tiveram o interesse em eliminar essa luta por completo, levando os “capoeiristas a sofrerem perseguições, desterro e ao convívio estereotípico que rotulava a capoeira como uma arte de negros marginais e bandidos”. (TAVARES, 2008, p. 13)

A capoeira foi um dos maiores motivos de prisões no período imperial, pois representava a desordem na sociedade. A imagem do negro desde sempre foi estereotipada, apontado em si apenas alguns de seus atos como os únicos de sua figura. A vadiagem e a capoeiragem eram as únicas características que lhes davam, sendo que, por trás de tudo isso, existia a falta de auxílio e a impossibilidade de trabalho.

Na época da escravidão, a prática da capoeira era bastante perseguida, porém, depois de passado este período em que se deu oficialmente a Abolição da Escravidão em 1888, a capoeira ainda continuou a ser alvo dos poderosos (chefes de fazendas, políticos, classe média, dentre outros), que tentaram dar-lhe um fim, utilizando-se de leis para a repreensão da prática dessa luta. No entanto, de acordo com Mello (1996, p. 32), “essa prática se dava de maneira clandestina, pois, uma vez que ela era utilizada como arma de luta, os senhores-de-engenho passaram a coibir veementemente, submetendo a terríveis torturas todos aqueles que a praticassem”.

Muitas situações da história que remontam à vida do negro no Brasil são distorcidas e esquecidas. “O negro tem um papel mistificado na história oficial. A abolição da escravatura é um exemplo”. (ADORNO, 1987, p. 31). A mesma não serviu para resolver os problemas que os negros sofriam, pois tiraram de um para colocar em outra, sem um suporte, nada feito.

Por não terem o que fazer e se perceberem jogados à pura sorte, resultado da situação difícil em que foram relegados, tentado a qualquer custo a sobrevivência, muitos se aplicaram na realização de assaltos, crimes, vagando pelas cidades muitos dos negros se encaminhavam cada vez mais para a marginalidade, levando consigo a imagem da capoeira como a principal arma por eles utilizada.

A Guarda Real de Polícia, que foi fundada em 13 de Maio de 1809 por D. João e comandada pelo temido major Miguel Nunes Vidigal, o “terror dos negros”, foi símbolo de repressão para toda a classe dos capoeiristas. Vidigal recebeu inúmeras condecorações de seus

superiores, D Pedro I e D. Pedro II, que tinham como principal objetivo exterminar os quilombos e os capoeiras. Miguel Nunes Vidigal veio a falecer em 1853, como marechal de campo e cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Não precisava muito para atrair a atenção dos soldados da Real Guarda. Afirma Soares que qualquer atividade estranha, incomum, insólita, era o bastante para levar o indivíduo para a prisão, o que apontava para o medo que as autoridades tinham da riqueza cultural africana da cidade, e como estes “folguedos” podiam significar atos de autonomia e mesmo de rebelião no ambiente congestionado da cidade. (ABIB, 2004, p. 98)

Iniciou-se então a formarem-se grupos mais organizados, as famosas maltas de capoeiras, responsáveis por impor o terror na burguesia e na sociedade de classe média, e assim se formava como nos descreve Dunshee de Abranches, “mais que uma arte, era uma verdadeira instituição” (AREIAS, 1983. p. 33), levando o pânico e a desordem para a sociedade.

Mas apesar de toda essa prática feroz e inaceitável, os capoeiristas passaram de vergonha nacional da civilização para os “heróis nacionais”, em que eram utilizados para a realização de serviços políticos na luta pelo poder. Um exemplo dessa afirmação é a citação feita por Dunshee de Abranches, transcrita por Almir de Areias em sua obra, *O que é capoeira*.

O certo, porém, é que a arte da capoeiragem, tornando-se um dos nossos usos mais característicos, não contada os seus cultores apenas nas classes baixas. Personagens ilustres e, entre eles, até homens políticos que ocuparam e ocupavam posição notável no Parlamento ou nos Conselhos da Coroa, eram apontados como exímios no Governo. E os *Guaïamus e Nagoas*<sup>16</sup>, como se denominavam os heróis de profissão nos agrupamentos arregimentados por chefes temíveis e temidos, não raras vezes representavam o principal papel nas pugnas eleitorais. (AREIAS, 1983, p. 34)

A Guerra do Paraguai, em 1828, foi um dos acontecimentos que mais serviram como demonstração para essa mudança de papel, que após um resultado desencorajador, coube aos capoeiristas a atacar e tomar de volta a “ordem”. “Contudo, o exemplo mais contundente desta contradição, e ainda mais temível que os temíveis capoeiras, era a terrorista Guarda Negra”. (AREIAS, 1983. p. 35)

---

<sup>16</sup> Guaïamus e Nagoas foram as duas maiores e mais eficientes maltas de capoeira que dominavam o cenário urbano na cidade do Rio de Janeiro.

Se beneficiando do sentimento de “gratidão”, com os negros libertos no dia 13 de Maio de 1888, pela proclamação de abolição escravocrata da princesa Isabel, funda-se a Sociedade Beneficente Isabel, que era responsável pela ordem das vontades de seu “reinado”.

A criação da Guarda Real e os ensinamentos deixados por Vidigal não foram suficientes para extinguir os capoeiristas, então, formou-se uma comissão militar pedindo autorização de medidas mais rudes e eficazes contra os mesmos, sendo essas medidas os castigos em praça pública e até mesmo a morte. Sendo que, com o passar dos tempos, a medida não surtiu efeito e foi implantado o reforçamento das patrulhas pela cidade.

O conflito entre os policiais e capoeiras prosseguiu e, em 11 de Outubro de 1890, surgiu o código penal (Decreto número 847), criado durante o período do governo de Deodoro, uma lei de proibição à prática da capoeira, que enquadrava os capoeiristas em um regime de regras que agora estava vinculado a uma legislação, reforçado por decretos de punição, penas severas dadas aos capoeiristas. Em um de seus capítulos, diz o seguinte: “fazer nas ruas praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação capoeiragem terá pena de prisão celular de dois a seis meses [...]”. (Capítulo XIII, intitulado *Dos vadios e capoeiras*, artigo 402.) O código penal surgiu para abolir das ruas de todo território nacional a prática da capoeira que simbolizava resistência e liberdade dos oprimidos.

A partir daí, os capoeiristas não conseguiam mais desfrutar de seu sossego, não querendo dizer que antes tinham, mas que continuou. Muitas vezes não eram pegos em flagrante, mas a marca da capoeira e do passado escravista se firmou em suas faces, os limitando de viver um presente sem assombras do passado.

A capoeira agora e desde sua origem foi reprimida, e vista com maus olhos pela classe dominante, que se via ameaçada por esta prática de luta. Muitos dos escravos fugidos e libertos fizeram da capoeira uma prática frequente e de certa forma “profissional”. Até o ano de 1930, a capoeira era perseguida e reprimida pela milícia, vista como uma prática violenta e subversiva, posteriormente sendo deixada de contar no Decreto de 11 de outubro de 1890. Apesar de tanta perseguição os capoeiristas se fizeram fortes e lutaram em todas as vezes que se foi preciso, defendendo sua cultura e sua vida.

Preconceito sobre a cor, preconceito sobre a prática da capoeira, são fatos que ainda perduram até os dias de hoje. Apesar de toda a luta para se reconhecer a capoeira como elemento cultural brasileiro, certas pessoas ainda a veem como algo periférico, sem valor nenhum, que não tem o porquê ocupar um lugar na história.

## 1.5 Processos de legitimação da capoeira na sociedade brasileira

Embora totalmente perseguida, a capoeira foi gloriosamente ultrapassando todas as barreiras postas em seu caminho, em cada passo escrevendo, recriando e enraizando a sua história.

É notável perceber que a história do Brasil é escrita e feita pra uma classe determinada e não para um povo. A discriminação é inerente em cada ato de abordagem ou lembrança desse acontecimento, que, apesar de todas as negações, faz parte sim da nossa história.

Foi a partir de 1930 que a capoeira começou a ser reconhecida, passando por um processo de institucionalização, adquirindo espaço na sociedade, sendo praticada agora em espaços públicos sem mais repressão. E tal ato só foi alcançado pela garra e esperança que os mestres Pastinha e Bimba cotiam, em que cada um foi aperfeiçoando e fortalecendo a essência dessa luta, que apesar da rivalidade que foi criada entre ambas obtiveram seus lugares.

A capoeira passou a ser amplamente praticada, tendo a sua primeira academia iniciada em 1932, fundada por Manoel dos Reis Machado, o memorável mestre Bimba, que foi cada vez mais fazendo da capoeira o que ela é hoje. Mas para passar a ser vista com outros olhos, a capoeira teve de muito da sua essência distorcida:

A exaltação da identidade nacional pode levar somente a uma tentativa de subversão simbólica contra a afirmação da identidade. Ou seja, a construção de uma nova identidade para capoeira através do esporte. Assim ocorre uma descaracterização da capoeira e são lhe atribuídos novos valores há uma aproximação com as artes marciais orientais. (OLIVEIRA, 2014, p. 119)

O estilo da capoeira regional, aperfeiçoada por Mestre Bimba, foi adaptado pelo estado para ser divulgada, pois para a mesma estar por dentro das normas esportivas era necessário ter em sua formação determinadas características, como regras, normas, competições, trajes e dentre outras características “esportivas”. Essa nova adaptação não foi aceita e nem vista com bons olhos por muitos capoeiristas angoleiros, que viam nessa nova adaptação a perda da autenticidade.

Apesar de todas as desavenças, ambas perceberam a necessidade da harmonia e cooperatividade, e a capoeira Regional e a capoeira Angola era agora em alegria e amor pela arte, uma só, fazendo ainda mais reconhecida.

Em 2008, a capoeira conquistou um marco em sua história, que, para todos os capoeiristas e todos aqueles que apreciam essa genuína luta, foi uma de suas maiores

conquistas, ficando para sempre gravado na memória e escrita na história, sendo reconhecida oficialmente como Patrimônio Cultural Brasileiro como Bem Cultural de Natureza Imaterial.

Juca Ferreira, ministro da cultura interino, disse com essas palavras a sensação e a importância desse ato. "Hoje tenho certeza que estamos vivendo um momento histórico nesse processo de valorização da Capoeira", afirmou Juca Ferreira, ao ressaltar que com a decisão o Brasil fica mais próximo do ideal da democracia racial. "O significado maior desse dia não beneficia apenas a Capoeira, mas beneficia a todos nós, beneficia o Brasil."

Com o passar dos anos, a capoeira começou a adquirir seu reconhecimento, e foi apreciada não só aqui no Brasil, mas no mundo todo, como uma arte genuinamente brasileira.

Com base em um artigo presente no corpo de texto da revista: *Dossiê revista Antropolítica*.

O resultado desse reconhecimento é a ampla presença da capoeira em escolas da rede pública e da rede privada nos Estados Unidos, em inúmeros trabalhos e pesquisas universitárias, não só nos Estados Unidos, mas também nos mais diversos países do Oriente Médio, no Sudeste Asiático, no Japão, em todos os países da Europa, na Escandinávia (Suécia, Finlândia, Dinamarca e Noruega) e, até mesmo, na África, para onde retorna, pois os movimentos corporais e a musicalidade que a acolhem e envolvem, advêm daquele continente. (TAVARES, 2008, p. 17)

Depois de tantos processos, a capoeira é hoje conhecida no mundo todo e praticada em mais de 70 países. A capoeira é hoje um patrimônio cultural afro-brasileiro, e a única arte marcial propriamente brasileira.

As conquistas foram muitas e a alegria embutida em cada rosto daquelas que por tanto tempo se viram jogados, a discriminação se fez mais uma vez firme na conquista de mais uma vitória, enriquecendo mais ainda a biografia da vida.

A Unesco, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, no ano de 2014, reconheceu a capoeira como Patrimônio Imaterial da Humanidade, para aqueles que possuem no sangue a capoeira esse um reconhecimento que faz jus à toda luta e persistência de todo um *povo*, que durante séculos batalhou por aceitação, por libertação. E ser reconhecida mundialmente faz de sua trajetória um marco não só para o Brasil mais também para o mundo.

Em muitas cantigas de roda da capoeira, a presença da transposição das vivências em estrofes de músicas é o principal tema para a criação de músicas que contam a vida, como diz a letra desta música que aborda a mudança de tratamento e reconhecimento da capoeira ao passar dos anos:

Quando eu era criança (2x)  
 Eu era discriminado  
 Muita gente me dizia pra deixar capoeira de lado  
 Diziam que a capoeira era coisa pra maloqueiro  
 Que eu tinha que pra escola estudar pra ganhar muito dinheiro  
 Que eu tinha que pra escola estudar e ser formado  
 Para ter uma profissão  
 Ser doutor, engenheiro, advogado  
 Mais olha moço para mim isso é besteira,  
 Pois o que eu queria mesmo era aprender a arte da capoeira  
 Mais o tempo foi passando  
 E tudo ficou pra trás  
 Hoje eu viajo o mundo inteiro  
 Mal de mim não falam mais  
 Não falam mal da capoeira  
 Não falam mal de ninguém  
 Porque hoje eles já sabem o valor que a capoeira tem.  
 (Mestre Barão. Lamento. Quando eu era criança.)<sup>17</sup>

A capoeira hoje estar sendo praticada por muitos. A idade para se jogar na ginga não tem restrição, e a classe financeira não é mais barreira pra isso. Jogar capoeira hoje é sinônimo de amor, de bem estar físico e mental, que leva no “sangue” a mesma paixão de antes.

A capoeira, que antes era marginalizada, hoje, é símbolo de cultura. Está presente em projetos e exposições de representações do Brasil em qualquer lugar que seja, além de estar inserida na programação, e isso é o resultado de todo o esforço de um *povo* que lutou e luta para ela estar no seu devido lugar, que é o lugar que ela alcançou hoje.

---

<sup>17</sup> Fonte: <https://www.vagalume.com.br/mestre-barrao/sou-capoeira.html>, acesso em 13 de maio de 2016

## **CAPÍTULO 2: A CAPOEIRA COMO ELEMENTO SOCIOCULTURAL E DE APRENDIZAGEM NA VIDA.**

Apesar de atualmente a capoeira ser amplamente difundida, ela ainda é novidade em muitas cidades do interior do Brasil. Uma luta de libertação corporal e histórica, uma manifestação cultural envolvida no jogo, uma resistência, uma arte de ser e um elemento esportivo, que pertence às terras brasileiras, mas que muitos ainda não a conhecem verdadeiramente, com toda a sua bagagem histórica. E essa modalidade tanto cultural e desportiva precisa estar presente sim na formação escolar, isto é, no currículo da escola, pois ela faz parte da história do povo brasileiro; ela é a história do Brasil.

Com projetos em parceria com a escola, a ginga da capoeira torna-se mais assistida, pois o espaço escolar evidencia a proliferação de sua prática, conquistando assim, muito mais público, instalando-se no berço da educação, desse modo, se enquadrando na proposta pedagógica: buscando elementos diferenciados para a implementação na vida social dos sujeitos envolvidos.

Trabalhar com projetos que encaminham o estudante a conhecer a fundo a história do Brasil, leva-se também a conhecer a história da capoeira, não só pelo que se é mostrado dela hoje, mais todo o seu passado, sem cortar e nem esconder nenhum de seus feitos, de suas perdas e suas vitórias, reconhecendo-a como um fator de real importância a ser estudada em todas as salas de aula.

E não foi de outra maneira que a capoeira chegou na cidade de Aratuba-CE, no Maciço de Baturité. Em Março de 2004, a capoeira deu o seu primeiro passo nesta cidade. Por intermédio da EEF Maria Julia Pereira Batista, em parceria com a Secretaria de Cultura, que firmou um projeto sociocultural, que disponibilizada a capoeira como um esporte recreativo para a juventude. Dessa maneira, a capoeira teve o seu primeiro contado com seus futuros capoeiristas.



## 2.1 A chegada da ginga da capoeira em Aratuba.

A convite do contramestre Nir (naquele período ainda intitulado como professor)<sup>18</sup>, o responsável pelo grupo em algumas cidades no Maciço de Baturité, denominado o grupo de Muzenza (posteriormente receberia outro nome referente a saída do mestre Pedro, criando a Fundação Arte Brasil Capoeira, a qual ficou ao cargo com o passar das graduações, de contramestre Nir para supervisionar as práticas de capoeira no Maciço), foi na escola em questão, e nas salas de aula, juntamente com a ex-diretora da escola Maria Julia Pereira Batista, Simonica Freitas, fizeram convite aos alunos que se interessassem em conhecer a história e a prática da capoeira, que agora estava presente no ambiente educativo.

A capoeira era uma atividade extraclasse, que tinha, como função, enriquecer o currículo escolar, dando esporte e cultura ao mesmo tempo, uma alternativa de aprender a se educar para a vida fora da sala de aula, possibilitando conhecer a história da capoeira impregnada no corpo, vivenciando-a de forma ativa, formando, assim, alunos cada vez mais integrados e próximos da cultura afro-brasileira, da negritude, da memória, dos escravizados, enfim, da própria história e do Brasil.

Os estudantes da escola Maria Julia tinham, por normas, seguir estudando e ter o empenho escolar moderado para poderem continuar participando das aulas de capoeira, sendo que essa era uma das normas exigidas pelo professor de capoeira, que, dentre outras, havia também a boa relação com os pais, com os colegas dentro e fora no espaço escolar, repugnando qualquer tipo de violência, que utiliza ou não, as habilidades adquiridas em roda. Tal como se explica Barbosa:

Os grandes mestres frequentemente condenam a violência gratuita, o exibicionismo barato e a necessidade de medir forças, considerando-os uma mera imposição de superioridade física ou um simples adestramento. (BARBOSA, 2005, p. 83)

As aulas eram ministradas aos sábados, no período diurno, um horário que para as crianças e os jovens se tornava mais plausível e não se batia com os horários escolares. A turma iniciou com mais ou menos cerca de 30 alunos, e permaneceu assim por um longo período. O espaço de treinos acontecia na quadra da escola municipal, que era destinada e reservada todos os sábados pela manhã para a sua prática.

---

<sup>18</sup> No espaço da capoeira existe as graduações, ou seja, intitulações que determinam o grau de experiência do praticante. Essas graduações podem mudar de grupo para grupo, que recriam determinados estágios. A expressão professor não é pelo fator determinante de ministrar aulas, mais um dos estágios dá capoeira para se torna mestre de capoeira, considerado o cargo de maior relevância, e para chegar a esse patamar é necessário passar pelos demais estágios: monitor, instrutor, professor, contramestre e finalmente chegando mestre.

Nos primeiros meses de treinos, tanto os alunos como a comunidade, ficaram curiosos com essa nova luta que, para eles, era tão pouco conhecida. E todos os dias de treinos, um pequeno grupo de pessoas se reunia para assistir as aulas de capoeira e presenciar seus filhos e amigos praticando-a. Aquilo era uma aula, não só para nós alunos, capoeiristas, mas para todos que ali permaneciam a assistir. No entanto, havia também aqueles que despertavam certo estado de ignorância em volta da capoeira, por não a conhecê-la, a julgavam ser fraca e sem graça, mas a ousadia dos que treinavam e estavam no processo de formação despertavam de algum modo a admiração por ela, pois não permitiam que tal situação tornasse ou agravasse como um empecilho para a sua continuidade.

O reconhecimento foi sendo alcançado gradativamente, e, sempre que possível, em datas comemorativas, eventos escolares e municipais, a capoeira era sempre convidada a se pronunciar com suas apresentações, que aconteciam na praça pública, no clube recreativo da cidade, ou em qualquer que fosse o ambiente festivo, mostrando a sua cultura genuinamente brasileira para aqueles que ainda não a conheciam de perto e que ficavam admirados com tamanha beleza repassada. Desse modo, percebemos que seu reconhecimento tornava-se tão-somente atrativo para os olhos dos governantes. Pouco importava a prática emancipatória da capoeira em si, ora, o interesse era que a capoeira fosse um dos elementos atrativos dos eventos políticos. E foi assim, aos poucos que se fazia e se escrevia a história da capoeira em Aratuba-CE.

Com as aulas sendo ministradas aos sábados, na quadra municipal da cidade, a capoeira ganhou, mais uma vez, um novo espaço. Depois de um tempo, a mesma foi integrada as atividades recreativas do Polo de Atendimento, que era um projeto da Ação Social que disponibilizava atividades educativas fora na escola. Um novo espaço para se educar e aprender. Lá se encontrava aulas de dança (ballet clássico), pintura, música, computação, corte e costura, e a capoeira era a mais nova atividade a se integrar nesse ambiente.

Cada atividade possuía a sua sala, com todos os seus equipamentos necessários, com a disponibilidade de horários flexíveis, deixando o aluno livre para transitar em meio um mundo de novas experiências e aprendizados.

A capoeira teve um desempenho tão grande na escola Maria Julia (sede), que o interesse de levá-la para as localidades surgiu. E foi assim que a capoeira se encontrava em todas as extensões de ensino público da cidade, levando a sua arte cada vez mais perto das crianças e adolescentes do município.

Com o assistência da prefeitura, em parceria com a Ação Social, a capoeira se mantinha estável, sempre bem apoiada em eventos, viagens, patrocínios e tudo que fizesse

engrandecer ainda mais o conhecimento dos alunos, que eram levados a eventos nas cidades vizinhas, como: Mulungu; Guaramiranga; Pacoti; Aracoiaba e também em Fortaleza, trocando experiências com outros capoeiristas, ambientes novos, ocorrendo um processo de socialização e de aprendizagem integrado, partilhando nova experiências e vontades.

Todos os anos, havia eventos de capoeira, que mobilizavam todo o Maciço de Baturité, e também a capital, e Aratuba era a ministradora desses eventos. Mestres nacionalmente conhecidos, talvez mundialmente, habitaram, por pequeno que tenha sido o espaço de tempo, na cidade de Aratuba. O evento Intercâmbio Cultural de Capoeira, realizado em Setembro de 2012 foi tão grande e bem organizado, que consegui trazer a realização e a felicidade de conhecer de perto esses mestres. Mestre Deputado (Rio de Janeiro), que foi um dos discípulos de mestre Bimba, mestre Carlinhos, mestre Minha angoleiro (São Paulo), que no mundo da capoeira são personagens de grande bagagem e homens de força e garra.

O evento durou três dias, que foram organizados em oficinas de música (aulas de instrumentalização: berimbau, atabaque, pandeiro), campeonato desequilibrante de capoeira regional, visando uma “disputa” entre os participantes, com função de apenas desequilibrar o seu companheiro de roda, marcando o golpe e mostrando onde seria o seu ponto fraco. Batizados são assim intitulados o primeiro estágio de um capoeirista; ele está sendo batizado para agora fazer realmente parte do seu grupo de capoeira, e trocas de cordas, momento este dos capoeiristas trocarem suas cordas (faixa que simboliza o estágio que se encontra o participante tendo cada uma, uma cor determinada, que também pode mudar de grupo pra grupo) jogando capoeira com seus professores ou mestres mudando assim seus estágios.

Neste dia de evento, contamos com a presença das autoridades da cidade, que se pronunciaram nos dias de apresentações, repassando o “apoio” por essa arte, que estava a trazer tamanha satisfação para seus jovens.

Em outros momentos, o grupo de capoeira sempre estava em movimento, e passou a anualmente participar do desfile cívico, que ocorre no dia 7 de setembro, em comemoração à independência do Brasil.

Mas apesar de toda a “ajuda” e reconhecimento já ganhados, a “parceria” com a Secretaria de Cultura (prefeitura municipal) teve um fim, e, foi no ano de 2012, que a capoeira se tornou independente das ações municipais, que por motivos vagos, não quiseram mais renovar o contrato remunerado do contramestre Nir.

Em meio a todo esse impasse de não haver mais apoio, o contramestre de capoeira não abandonou o seu posto e continuou a dar aulas normalmente, no mesmo espaço e da mesma forma. Por diversas vezes, dizia o seguinte: “não vai ser um órgão público, ou questão

de dinheiro que vai me tirar o prazer de ensinar a capoeira, porque eu a ensino por amor, e não por interesse material”.

Seus alunos iam crescendo no ambiente da capoeira, recebendo suas cordas, que simbolizavam as cadeiras alcançadas, como todo o esforço e apoio que lhe era dado, e seu professor também foi crescendo, recebendo a corda de contramestre, ambos foram evoluindo.

Os anos foram se passando, e a capoeira em Aratuba permanecia viva, pois o amor de seu contramestre era recíproco com o de seus alunos. Muitos chegaram a ir embora, e deixarem assim de treinar. Houve dias em que só havia duas pessoas treinando, mais isso não seria um motivo de desânimo. Não seria esse mais um motivo que viria a desmotivar aqueles, que realmente a tornaram-na parte da capoeira.

A união do grupo fez com que ele se mantivesse e sua força não fosse desfalecida, e conseguiu mais uma vez encher os salões de treino com novos praticantes. Esse grupo formou não só capoeiristas, mas também a formação de sujeitos livres que possibilite um modo de ser e ver um mundo através de seus movimentos, de sua ginga, da música incorporada no corpo. Ou seja, teria como meta, ver o mundo sobe a ótica do modo de ser do capoeirista. Segundo Barbosa, os mestres e seus aprendizes cultuam-na como um processo de libertação de se, encontrando na roda o ponto de meditação para a vida, articulando suas linguagens do corpo com os planos mentais e espirituais:

Mestres e aprendizes cultuam-na como um processo libertário no qual o indivíduo aprende a se posicionar no centro de si mesmo e a encontrar seu espaço de mediação, ou seja, seu ponto de referência na roda do jogo e do mundo. Para eles, a capoeira é a articulação de uma linguagem do corpo com os planos mental e espiritual. A aprendizagem dessa luta/arte/filosofia inclui o conhecimento dos instrumentos e dos cantos. (BARBOSA, 2005, p. 78)

Apesar de não estar mais vinculado à Secretaria de Cultura, o espaço de treinos não foi tirado de suas “mãos”. E até hoje o Polo de Atendimento é o lugar onde a capoeira faz história há mais de 11 anos, estando presente na vida de seus praticantes em Aratuba-CE, tendo, em sua formação atual, alguns dos que estavam desde sua chegada. Dessa maneira, teve um grande papel na vida dos que a praticava, aqueles que se sentiam fora de rumo, e que não tinham o apoio para investirem e acreditarem em si mesmos, trouxe movimento para vida, ensinando a cair e a se levantar, do jeito de um capoeirista, com garra e malícia.

Depois desses anos, um de seus praticantes, Diego de Assis, por intermédio de suas vivencias e dedicação, supervisionado pelo contramestre Nir, passou a ter mais consciência de si e tornou-se responsável por ministrar as aulas no Polo de Atendimento. Foi

aluno e hoje se tornou mais um capoeirista, repassando os ensinamentos, os valores da capoeira através da oralidade e da circularidade e compartilhando suas experiências. Em seus discursos, ele utiliza essas palavras: “A capoeira contribuiu para a minha formação de valores humanos e éticos, baseados no respeito, na socialização e na liberdade, através de trabalhos que valorizam a cultura brasileira. Tudo isso buscando fortalecer e engrandecer o capoeirista no seu caráter, dignidade e valorização pessoal. Já fui aluno, e continuarei a ser pro resto de minha vida, pois o que a capoeira me ensinou foi de importância inestimável, e tê-la tido aqui em minha cidade fez disso ainda mais forte e presente em minha vida”.



Uma das primeiras turmas formadas do grupo Fundação Arte Brasil Capoeira, com a presença de um dos mestres do grupo, Mestre Otavio (localizado na terceira posição da esquerda pra direita), o Contramestre Nir (blusa azul, localizado na quarta posição da esquerda pra direita) e a professora Roberta (calça preta). Local: Polo de Atendimento, Aratuba-CE 2005. Foto: acervo do Polo de Atendimento.



Turma atual do Grupo de Capoeira Fundação Arte Brasil com a presença do contramestre Nir (blusa vermelha), respequitivamente Local: Polo de Atendimento, Aratuba-CE, fevereiro de 2016. Foto: acervo do Polo de Atendimento.



Evento de graduação, troca de corda e campeonato desequilibrar-te realizado pelo grupo Fundação Arte Brasil Capoeira, no auditório da escola municipal Maria Julia. Aratuba-CE 2012. Foto: Ivan Valentim

## 2.2 Quando a capoeira torna-se elemento escolar e de inclusão social

A capoeira em toda a sua dimensão possui um enorme papel fundamental de educar o sujeito na compreensão da realidade essencial. A desigualdade social vem cada vez mais demarcando e oprimindo o indivíduo, estando em todas as partes, como: condição socioeconômica vulnerável, hábitos culturais resultando no modo de pensar e agir no mundo capitalista, questões raciais como elemento de segregação, pessoas com necessidades especiais, sejam físicas ou mentais, e dentre outros. Todos esses elementos são hoje sinônimos e práticas de desigualdade social.

Muitos esportes têm a capacidade de influenciar bastante na formação social de uma pessoa, partindo de uma alternativa educacional que não se fixa apenas em livros ou em salas de aula, mais fazendo da arte: da música, da dança, do movimento do corpo e da emoção, e da luta, no caso da capoeira, um jogo de oportunidades para crescer de forma amplamente rica e cultural, visando a transformação do sujeito: “A capoeira é capaz de chegar a qualquer lugar do mundo sem diploma e dar aulas. Ele vai com seu conhecimento, sua bagagem cultural [...]” (ALMEIDA; PIMENTA; CYPRIANO. 2005, p. 64)

A capoeira por ser um elemento educacional, traz em sua essência forma o produto da cultura popular brasileira, possuindo um peso a mais quando se trata de concepções de incluir e desmarginalizar, favorecendo e estimulando a inclusão social como valorização do ser humano como essência e não como matéria, inerente ao sujeito, tal como nos explica Almeida:

A consciência social é inerente ao capoeirista, pois ele sabe que, embora tenha conquistado o mundo, a capoeira nasceu de uma situação de discriminação, acredita o mestre carioca Curumim. (ALMEIDA; PIMENTA; CYPRIANO. 2005, p. 68)

Tirar das ruas, dar uma chance de exercer e praticar algo esportivo/cultural, de se sentir importante, sentir-se alguém: potencializar a sua orça vital. É dessa maneira que a capoeira desempenha o seu papel na formação do sujeito, trazendo no fundo uma nova chance de seguir adiante com mais confiança de si.

A capoeira, em parceria com algumas escolas ou até mesmo investidas com o próprio dinheiro dos articulares, tem desempenhado um papel de educação diferenciada muito satisfatório, pois conseguiu dá ar ao estudante, uma alternativa de jogar com as palavras e a gingar com a capoeira, com o explanar de uma história que traz na própria essência o formar de quem faz da capoeira a sua aula de vida:

Grandes ou pequenas, bancados com próprio bolso ou com o apoio de governos e empresas, os projetos de inclusão social e educação através da capoeira constituem uma das locomotivas desta arte-luta. Diariamente milhares de crianças e jovens são beneficiados graças à iniciativa de mestres, professores e alunos dedicados a recuperar a capacidade de sonhar desses meninos. (ALMEIDA, PIMENTA; CYPRIANO, 2009, p. 66)

Fazer capoeira só se estivesse na escola, esse era um dos requisitos exigidos para os praticantes, como forma de incentivo para os alunos se tornarem sujeitos mais críticos e conscientes de si, continuando e concluindo assim os estudos. Mestre Bimba em toda a sua trajetória buscou livrar a capoeira da associação de marginalização, implantando projetos de contribuição com a educação:

Embora tardiamente, a contribuição de Bimba para a educação foi reconhecida. Em 1996, o mestre recebeu o título de Doutor Honoris Causa *Post Mortem* pela Universidade Federal da Bahia. Bimba deu início ao processo de institucionalização da capoeira que se consolidou ao longo dos anos por meio de seus alunos e discípulos. (ALMEIDA; PIMENTA; CYPRIANO. 2009, p. 64 e 65)

Mas é importante ressaltar que a história dessa arte/luta ainda é tratada de forma periférica, não vendo assim a necessidade de se falar e implementar a mesma nos materiais didáticos ou no currículo. Que segundo o mestre baiano Valmir, da Fundação Internacional de Capoeira Angola: “Estamos falando da nossa cultura, da nossa cultura, da nossa sociedade, da nossa ancestralidade. E muitas vezes isso já nos foi tirado dentro da própria sala de aula [...]” (ALMEIDA; PIMENTA; CYPRIANO, 2009, p. 64).

E foi nesse papel de passar saberes educacionais, que a capoeira mudou a vida de muitos na cidade de Aratuba, que, por princípio, buscavam-na apenas como algo desportivo, de diversão, mas que foram, com o passar do tempo, admirando-a e vendo-a com outros olhos, fazendo da prática da capoeira uma nova pulsão em suas vidas.

Israely Alves (ex-praticante de capoeira) foi uma das primeiras alunas a ingressar na capoeira em Aratuba, fazendo parte da primeira turma de alunos formada na cidade. E, em um de seus discursos sobre o papel da capoeira na escola e na sua formação como indivíduo social, ela afirma o seguinte: “A capoeira foi pra mim um aprendizado consideravelmente importante pra minha vida escolar, pois aparte do momento que eu introduzi nas suas práticas me tornei uma aluna ainda mais aplicada e flexível com as regras”.

Cada vez mais, a capoeira em Aratuba atraía a atenção de crianças e jovens, que viam nela a oportunidade de se sentirem mais sociáveis e alvos à crítica. Fazendo de suas “obrigações” escolares não mais um problema mas sim um incentivo para fazer capoeira.



A movimentação em torno desta arte foi, cada vez mais, mobilizando os alunos a se interessarem por sua história, fazendo apresentações de trabalhos, feirinhas de história, apresentação de roda nas festas escolares, desfile cívico do município, acrescentando cultura popular para a cidade sentir, pensar e agir.

A constante busca por fazer da capoeira uma luta amigável e receptiva e afetiva despertava olhares e interesses mesmo daqueles que não viam em sua condição física uma barreira para praticá-la. Foi o caso de um dos alunos, Lucas Santos (ex-praticante de capoeira), que possuía uma deficiência física (ausência de um dos antebraços), que, aos olhos de muitos, o incapacitava de brincar e fazer esportes como qualquer outra criança. Mas isso não foi suficiente para excluí-lo do ambiente da capoeira.

Lucas Santos tinha 12 anos quando começou a frequentar as aulas de capoeira. No início, um pouco acanhado, meio sem jeito, mas foi com o tempo adquirindo habilidade suficiente para jogar a nível igualitário com os outros capoeiristas, que o admiravam e respeitavam-no como um exemplo de superação.

A sua caminhada na capoeira despertava o espanto de todos aqueles que o viam jogar de forma extremamente habilidosa, tocar pandeiro, realizar saltos mortais, e vivenciar na capoeira a sua condição libertadora. Em um diálogo com Lucas Santos, foi-lhe perguntado o que a capoeira representava em sua vida, e com suas palavras simples e singelas ele afirmou: “A capoeira foi uma fonte de inspiração, me senti superado e mais feliz”.

Sabemos que nem sempre a capoeira tem o apoio de projetos ou de órgão públicos, em muito dos casos a vontade de ensinar e o amor pela capoeira são os únicos incentivos que muitos mestres e professores de capoeira tem em sua vida. E foi assim que ela, depois de um tempo, se firmou na cidade de Aratuba. A parceria não existia, mas, pela força de vontade dos alunos e o ideal do professor de capoeira de continuar repassando ensinamentos, foram os impulsos que moveram esse grupo, na vontade de continuar mais firmes e unidos num só ideal: de dar continuidade a prática dessa modalidade na cidade.

A capoeira, hoje em dia, ainda vive nas redondezas das escolas, não mais vinculada a um projeto escolar. Foi, com os anos, criando raízes fortes demais para serem arrancadas por falta de apoio ou atenção dos órgãos municipais, e os seus alunos não a deixaram de lado, foram personagens ativos de mais uma história de resistências, pois acreditaram em seus potenciais e conseguiram mantê-la mais forte do que nunca em suas vidas.



Treino e roda de capoeira na comunidade dos Fernandes, com a presença do estudante Lucas Santos (portador de deficiência física). Aratuba-CE 2012. Acervo: Fundação Arte Brasil Capoeira.



Treino de capoeira do clube recreativo, com a presença do Mestre Pedro. Aratuba-CE 2011. Acervo: Fundação Arte Brasil Capoeira.

### 2.3. “A capoeira também ensina a viver”

No universo da capoeira, a educação e a inclusão são uma das portas que também se abrem para os praticantes dessa arte, que possui um vasto campo de conhecimento e saberes, que podem quando bem relacionados e empregados fazendo desses ensinamentos de roda uma vivência educativa fora da esfera da capoeira.

Sempre costumei ouvir que o verdadeiro mestre de capoeira nunca ensina só golpes, músicas, o manuseio dos instrumentos, mais também ensina pra vida, e é essa a função de cada professor de capoeira, repassar uma mensagem para a existência de cada um, utilizando da capoeira como o seu elemento porta voz, o seu livro da vida, para repassar assim uma educação diferenciada.

Mestre Pastinha, em toda a sua existência, buscou deixar para seus discípulos tudo de ensinamento que adquiriu em sua vida, tanto no espaço da capoeira quanto fora dele, buscando ser bem mais do que um professor de capoeira, sendo um exemplo de homem para muitos do que os seguiam ou que conhecem sua história. Sempre frisando a importância de buscar se tornar um capoeirista equilibrado em seu jogo, música, e na vida:

Os conceitos do mestre Pastinha formaram seguidores em todo o país. A originalidade do método de ensino, a prática do jogo enquanto expressão artística formaram uma escola que privilegia o trabalho físico e mental para que o talento se expanda em criatividade. (ADORNO, 1975, p. 55)

Os ensinamentos que são ministrados nas aulas partem de um trabalho de auto condução, um exercício diário com o respeito aos mestres, aos colegas, a tradição, ao espaço, ao homem. E é assim que se dá a formação de um capoeirista: aquele que não possui só um jogo *bom*, mas que conhece e respeita toda a história, expressa no corpo na roda, contida na memória e na ancestralidade em caráter coletivo:

É um caminho mais ou menos previsível. A prática da capoeira pressupõe uma forte relação de respeito mútuo e parceria, uma vez que o espírito de coletividade é fundamentalmente dentro da roda. (ALMEIDA, PIMENTA; CYPRIANO, 2005, p. 71)

O papel dos mestres e professores de capoeira é ensinar, não só saberes de roda, mas também, saberes para a vida, abordando assuntos que desrespeito a qualquer educador que realmente se importe com o crescer de seus discípulos. Educar para muitos vai para além

do ambiente da capoeira. Muitos desses educadores tornam-se pais, amigos, irmãos mostrando afetivamente a capoeira como um ambiente familiar, um lugar de aprendizado mutuo.

O processo de aprendizagem não parte exclusivamente do educador. É necessário haver uma doação partilhada entre aluno e professor, e a prática da capoeira desenvolve esse lado sociável, crítico e libertário do ser, a forte relação de coletividade e respeito ao próximo, saberes esses que podem ser aplicados nas formas de trabalho. Nela encontramos um espaço onde o caráter democrático é totalmente trabalhado: “Afinal não há restrições de gênero, idade, peso ou tamanho como ocorre em outras práticas desportivas.” (ALMEIDA, PIMENTA; CYPRIANO, 2005, p. 71). Não se estimula nenhum tipo de discriminação ou preconceito. Todos são tratados de forma igualitária, preservando a pluralidade, tornando um ser humano mais rico em saberes e mais democrático.

O ambiente é propício e favorável para a integração:

A possibilidade que a capoeira oferece de lidar com o outro e suas diferenças ajuda a atenuar as tensões cotidianas das relações, aumenta a autoestima e forma indivíduos mais conscientes. (ALMEIDA; PIMENTA; CYPRIANO. 2005, p. 71).

É incrível esse poder que a capoeira exerce nos seus discípulos. É de uma recompensa enorme para aqueles que sabem usá-la com sabedoria tomando para si tudo que lhes é repassado.

Desse modo, os aprendizados que a capoeira trouxe para a vida de Ivan Valentim – professor-auxiliador das práticas de capoeira no Maciço de Baturité por intermédio do contramestre Nir – afirma-se do seguinte modo:

A capoeira foi e é de fundamental importância na minha vida. Moldou meu caráter, meu jeito de ser, me fez ser autoconfiante, aprendi a me expressar melhor em público e perder um pouco minha timidez. Hoje sou professor formado, podendo ministrar aulas de capoeira. Dito isto, posso afirmar que a capoeira também me deu uma segunda profissão: Nela tenho muitos amigos, aprendi a ser disciplinado, a respeitar para ser respeitado; A ter a figura dos capoeiristas mais velhos como referência de vida e de ensinamentos na vida. Enfim, a capoeira está no meu dia a dia como forma de expressão e de luta de um povo. (Valetim – depoimento)

Isto é, um dos ensinamentos mais importantes em um âmbito sociocultural que se é trabalhado na capoeira é o reconhecimento de sua identidade, a sua autoafirmação na vida: viver a capoeira faz do homem um *entendedor*, conhecendo seus limites do corpo e também da mente. Metaforicamente, a capoeira é uma escola que ensina como teu corpo reage por

meio das tuas movimentações e como tua mente precisa estar em *total* ligação com teus movimentos. Outro elemento é a *paciência* como um sentido bastante trabalho no espaço da capoeira, que deverá resultar num saber se *portar* em meio a situações estressantes que o cotidiano frequentemente nos impõe.

Elementos como a socialização são princípios de fundamental importância, saber compartilhar ideias e aceitar discordâncias, viver em meio as diferenças e não se sair *mal* faz de um profissional ainda mais preparado para a vida no mercado de trabalho, e nos ensinamentos e experiências vividos na capoeira muito disse se pode tirar como aprendizado.

Ganhar ou perder são questões que estão bastante presentes no cotidiano social do homem e aceitar essas questões é se manter equilibrado em suas próprias concepções. Segundo Barbosa (2005), no jogo da capoeira, é necessário se manter o autocontrole e saber dialogar com a postura do parceiro do jogo, mostrando que tem controle sobre seus atos e palavras, entendendo a questão de ganhar ou perder sem ter medo de expor suas ideias em movimento:

Ao dialogar com a manha dos parceiros/adversários o/a capoeirista do “jogo bonito” liga-se muito mais ao processo (ao próprio jogo) do que ao resultado (ganhar ou perder), já que vencer significa neutralizar a energia ofensiva dos oponentes/parceiros. Se dialogar pressupõe expor ideias que podem ser aceitas ou refutadas, os grandes mestres ensinam que o/a capoeirista deve ter a coragem de se expor e de explorar novos caminhos na linguagem do jogo sem perder o seu centro de equilíbrio ou vulnerabilizar-se por completo. A grande audácia do/a capoeirista e o seu ponto de equilíbrio é expor-se sem se entregar, imitando a polivalência do significado das palavras que se esconde nas dobras textuais das cantigas e nos interstícios do contexto cultural. (BARBOSA, 2005, p. 92)

São aprendizados como estes que a capoeira exercita na vida do praticante, buscando acima de tudo mostrar-lhes ensinamentos para além da vivência na roda, para além dos muros do mundo da capoeira; mas que seus ensinamentos podem dialogar fluentemente com o cotidiano de cada um, observando que em cada ato que se faz pode existir nele um ensinamento vivido na capoeira.

## **2.4 Vivências na roda de capoeira na vida: escritas de si**

Costumo dizer que a capoeira entrou em mim e nunca mais saiu, pois, desde o meu primeiro contato, apaixonei-me por ela, não só pela prática, mas pela nova oportunidade de conhecer a fundo a história de um povo, dos meus ancestrais. Depois de fazer parte dessa arte, vim a conhecê-la e me autoafirmar como personagem em processo de transformação.

Foi a partir do contato firmado com a capoeira que meu olhar de observador-participante presenciou os resíduos do preconceito que, depois de anos, ainda continua impregnada nas estruturas da sociedade brasileira. Isto é, a capoeira ainda é regimentada por olhos presos na ignorância, vendo-a como manifesto feito por escravos, dotando-a de preceitos marginais ordinários. Contudo, aprende com a mesma a ter segurança de si potencializando a minha força vida nessa arte de vida.

E foi sentido o ritmo da roda com suas músicas, seus batuques, o movimento da mandiga e a energia do poder da história fluindo no meu corpo-memória, que fui me sentindo cada vez mais íntima, resultando no cuidado de si, e atraída por ela (a capoeira no meu *eu*), levando-a para o meu cotidiano, buscando cada vez mais me aprofundar e conhecer a fundo toda a sua bagagem, sejam nos meus fundamentos e rituais.

Quando pequena, a capoeira me ensinou a ser mais expressiva, a ser mais forte e decidida, porquanto, consegui com ela muitos ensinamentos que hoje eu sigo e levo adiante, como criatividade, desenvoltura com a resolução de problemas, a expressividade; conduzindo a vida como um capoeirista conduz, com “malandragem”. Dessa maneira, ela possui uma peculiaridade: o que a diferencia das outras artes marciais é a presença da musicalidade, e esse foi outro ensinamento que a mesma me proporcionou. Aprender músicas bem diferentes das habitualmente escutadas. Músicas que possuem um significado bem mais do que só a rima das palavras, de sua estética, mais sim a contação de histórias reais de lutas e conquistas vividas de homens e de feitos importantes para essa arte marcial genuinamente enraizada no corpo-memória do povo brasileiro.

Foi a partir de toda essa convivência, que hoje vim por meio desse trabalho tentar repassar mais uma vez a história da capoeira vista por outros olhos: os meus. Podendo não só conhecer a sua história, mas toda outra história que se interliga a ela, e como essas novas descobertas me ajudaram a entender melhor esse processo, que foi a criação e o desenvolvimento da história no amplo espaço do Brasil.

O processo de aprendizagem da capoeira no seu contexto técnico corporal baseia-se no uso sábio do corpo, do desenvolver de cada movimento ginástico e o de entender que seu corpo existe uma “arma” e que ele é a sua porta de defesa e de ataque do capoeirista. A aula do corpo começa com o proporcionar ao participante uma flexibilidade, uma postura corporal, uma agilidade, força, envolvidos na criatividade e equilíbrio. Esses são elementos fundamentais no jogo da capoeira. A ginga é onde se inicia tudo e todo golpe: “Ela é o movimento-mestre de todos os movimentos da capoeira. Sem ginga não tem capoeira, ela é a coluna vertebral dos movimentos da capoeira”. (AREIAS, 1983, p. 85). A partir daí,

aprendemos a nos defender usando nosso corpo como escudo, em que a capoeira vê a defesa como uma prioridade, “pois a capoeira, antes de ser uma arte para domínio e a opressão é um trunfo e um segredo para oprimido defender-se do opressor”. (AREIAS, 1983, p. 86).

Os princípios da capoeira objetivam sempre a proteção, a preservação da vida, se esquivando de círculos de perigo, contendo seus ataques embutido em suas defesas. Tal como nos explica Areias: “É por isso que a capoeira não se caracteriza como sendo uma luta de defesa ou de ataque, e sim as duas coisas ao mesmo tempo”. (AREIAS, 1983, p. 88).

Aprendemos a importância da circularidade na cultura africana, pois a capoeira se estabiliza para jogar sempre em círculo. E é na roda onde se joga, se brinca, se cultua, se ver amor e se faz união, aguçando ainda mais seus instintos de afeto e amor ao próximo, ao irmão camarada. É lugar de conversa, de momento de reflexão da vida, onde os ensinamentos do mestre se fazem mais uma vez presentes a partir de suas conversas e diálogos com os demais capoeiristas.

O equilíbrio, não só físico, mas também espiritual, o constante ensinamento de que a cabeça precisa estar leve para a roda ficar leve define que não se joga capoeira com a cabeça quente. É saber evoluir com as suas próprias quedas. Em um dos lemas mais conhecidos da capoeira, diz o seguinte: “o capoeirista não cai, simplesmente escorrega”. (AREIAS, 1983, p. 104). Superação, diria que *sim*, essa seria a palavra que definiria a capoeira, e os ensinamentos, as vivências que ela realiza. A sua capacidade de realmente ensinar a seus aprendizes o valor da superação, e como potencializa cada vez mais isso em si mesmo. Cair na roda e se levantar fazem disso um ensinamento de humildade para as quedas da vida, não ver só o lado obscuro do cair, mas, *sim*, o quanto é majestoso levantar-se.

O valor da conquista é se visto com bastante trabalho, em que o esforço se faz merecedor de cada vitória, de cada corda que simboliza um patamar acima alcançado, em que seu trabalho foi merecedor de receber uma condecoração. E são ensinamentos como este que levamos para fora da roda, para a roda da vida. Percebendo a necessidade de termos garra e força para alcançarmos aquilo que almejamos, pois foi do suor, do sangue que a capoeira se fez hoje capoeira luta reconhecida no mundo inteiro. Os ensinamentos da capoeira nos permitem entender a vida como uma luta constante por objetivos e sonhos, estimulando em mim a sonhar com os pés no chão, mas sempre com a cabeça ao longe, para o céu, onde os sonhos de Deus nos fazem morada. Quem entra para a capoeira entra para uma família. Ele nasce “[...] para um mundo heterogêneo de estilos, técnicas e objetivos diversos, o qual terá de percorrer, por conta e responsabilidade própria, em função de desvendar seus segredos, ampliar os seus conhecimentos [...]” (AREIAS, 1983, p. 105).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A origem e história mais antiga da capoeira não são claras. Alguns estudiosos de sua história acreditam que ela foi criada aqui no Brasil, por escravos vindos da África no período da escravidão e foi sendo desenvolvida como forma de defesa contra os maus tratos que sofriam nos canaviais. Praticando-a de maneira dissimulada, parece ser um jogo ou dança, mas também luta. Essa mistura de técnicas deixava a sua definição meio conturbada aos olhos dos capatazes. Uma vez que os donos dos escravos coíbiam toda e qualquer forma de arte marcial, a capoeira se fazia disfarçava e, assim, vivia nas entrelinhas dos engenhos de açúcar.

Em meio a um ambiente tão conturbado e sendo difícil determinar com precisão o seu primeiro registro de inserção, a capoeira utilizou-se de outras ferramentas para o seu disfarce (no período de escravidão), os instrumentos (a música) implementando ainda mais a sua essência. Disfarçada com música e dança os escravos continuavam a praticá-la mesmo diante de seus capatazes que não notavam nenhuma ameaça partida dela.

A musicalidade na capoeira possui uma função muito importante, pois traz em suas letras a narração de história de vida, todo o sofrimento vivido, as perseguições, e todos os momentos de luta e vivências dos escravizados, e daqueles que até hoje ainda sofrem à sombra desse passado/presente. Capoeira sem música não é capoeira. A música se tornou parte da mesma, em que uma não existe se não for acompanhada pela outra. Viver a música é caminhar em meio a um mundo de histórias, é sentir no toque do berimbau o arrepiar da pele e jogar a capoeira no compasso de seus acordes musicais.

As mais variadas composições de cenários de resistências se fizeram presentes na história da capoeira e como o citado anteriormente do decorrer do trabalho. O Quilombo do Palmares foi e é uma das mais importantes referências existentes da luta pela emancipação dos negros escravizados. A perseguição sempre foi algo comum e fazia parte do dia-a-dia dos escravos e se tornou assim mesmo após a abolição da escravatura, que se deu em 13 de Maio de 1888, deixando os agora “libertos”, sem um norte a seguir, os propiciando a caminharem para a marginalidade, levando consigo a imagem da capoeira, que se tornou por vez proibida em todo o espaço brasileiro no tempo do Brasil império.

Foram fatos marcantes a busca por liberdade em registros, que por inúmeras vezes se perderam em meio ao “tempo”, por falta de suporte e pela tentativa de apagá-la da história, como foi o caso do Rui Barbosa, que queimou todos os documentos que comprovavam a sua existência. Mas, em meio a todo esse estado de rejeição, a mesma forjou-se em seus escravos revelando ser a mais forte e brutal armadura.



Pelo mundo a fora, a capoeira percorreu e foi aos poucos sendo reconhecida como patrimônio imaterial do Brasil, que buscou em sua história de luta e originalidade a sua total relação com a história do Brasil. E o mundo a reconheceu, e pela Unesco – Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas – foi reconhecida como Patrimônio Imaterial da Humanidade, anunciada em 25 de novembro de 2014.

Diante desse mar de conhecimento, a capoeira mostra-se como representação e motivação de mudanças na vida de seus capoeiristas, e de toda a importância existente na fundamentação de uma melhor compreensão a respeito de sua história. E caminhamos mais longe, trazendo para mais de perto, analisar as experiências vividas no grupo de capoeira Fundação Arte Brasil Capoeira e algumas de suas transformações realizadas no corpo de sujeitos envolvidos nessa mobilização artística/cultural na cidade de Aratuba-CE no Maciço de Baturité. Percebemos mais uma vez o impulso visceral que a capoeira traz em si, o sentimento de amor que a mesma desperta nos seus praticantes, capaz de tirar do corpo e da mente o estado febril, transformando o espaço da capoeira e a própria capoeira no “remédio” para uma vida mais harmoniosa, mais feliz.

Em instituições escolares ou projetos comunitários, ela se configura como uma ferramenta de inclusão social e de expressão de humanidade. A capoeira é sim um meio de inclusão social e que sua presença é de uma importância sem igual, para aqueles que enxergam e buscam nela o suporte de um desenvolvimento social e pessoal mais resistente. Ela atribui ao ser humano valores como a solidariedade, o companheirismo, a superação, a amizade, o respeito, o amor, que se fazem existência no ambiente da capoeira e que podem ser transmitidos também por aqueles a quem a assistem.

A Capoeira é manifestação artística e histórica, que traz embutida em sua essência a força (luta) e a esperança (vitórias) de um povo que teve uma vida por séculos manipulada e buscaram em si mesmos a fonte de resistência e esperança para buscar melhorias de vida. Foi no corpo e na vontade por busca de liberdade, que a capoeira se fez existência, expondo a sua marca na terra, no “sangue”, e na vida dos escravizados, que deixaram sua herança não só de dores mais também de vitórias.

Em uma busca por mais conhecimento, os resultados foram sim alcançados por esta pesquisa, que visibilizou recontar a trajetória da capoeira, mostrando a sua relação e interação com o aprendizado dos sujeitos envolvidos, na inter-relação de passado e presente, a sua importância cultural e social.

Assim, aprofundou-se o conhecimento sobre as memórias, vivências e diálogos de capoeiristas e mestres do grupo Fundação Arte Brasil Capoeira, mostrando e valorizando do

eu para eu, do eu para o outro e do outro para o outro, construindo-se um ser em aprendizado contínuo e mútuo com o meio de convívio de seus alunos, trazendo o aprendizado da roda, para a vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: Cultura Popular e o Jogo dos saberes na roda**. 2004. 176 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais Aplicadas na Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ADORNO, Camille. **A arte da capoeira**. Goiânia: Kelps, 1987. 98 p.

**ANTROPOLÍTICA**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, v. 1, n. 24, 2008. Semestral.

ALMEIDA, Rodrigo de; PIMENTA, Letícia; CYPRIANO, André. **Capoeira: luta, dança e jogo da liberdade**. Santa Cecília - São Paulo: Aori, 2009. 204 p.

AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. São Paulo: Brasiliense S.a., 1983. 96 p.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **A mulher na capoeira**. Arizona Of Hispanic Cultural Studies, Arizona, v. 9, n. 1, p.9-28, 2005.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **Capoeira: A gramática do corpo e a dança das palavras**. UWP: Luso-brasilian Review, Madison, v. 1, n. 42, p.78-98, 2005.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter. **História da Capoeira**. Revista da Educação Física/uem, Maringá, v. 13, n. 2, p.141-150, 2 semestre 2002.

OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral de. **A Ideologia do Branqueamento na Sociedade Brasileira**. Santo Antônio do Paraíso - Paraná: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2008. 14 p.

SILVA, Antônio Micael Pontes da. **Teatro e Aprendizagem: Metamorfose do Sujeito**. 2015. 66 f. Monografia - Curso de Bacharelado em Humanidades, Universidade da Integração Internacional Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, 2015

TAVARES, Julio Cesar de. De volta ao mundo da vida de pernas pro ar: contribuições para os estudos em corporeidade, linguagem e memória da capoeira. **Dossiê revista Antropolítica**, Niterói, v. 1, p.11-18, 2008. Semestral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. **Arte como forma de pensamento**. In: *Filosofando, Introdução à Filosofia*. 4º Ed. São Paulo: Moderna, 2009. p. 416-426.

BOLA SETE, Mestre. **A Capoeira Angola na Bahia**. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. **Campos de Visibilidade da Capoeira Baiana: As festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985)**. Brasília, Df: Ministério do Esporte/1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010. 224 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

CAMPOS, Hélio José B. Carneiro. **Capoeira na escola**. Salvador: Presscolor, 1990.

CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5, 2010, Itajaí. **As possibilidades do ensino da capoeira na Educação Infantil: Um relato de experiência**. Itajaí, Sc: Uivali, 2010. 10 p.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto; TUBINO, Manoel José Gomes. **Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil**. *Revista da Educação Física/uem*, [s.l.], v. 20, n. 1, p.1-10, 29 abr. 2009. Universidade Estadual de Maringa.

SILVA, Jean Adriano Barros da. **Importância da Capoeira no desenvolvimento da cultura corporal na Educação Infantil**. 2013. 41 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Física, Universidade do Estado da Bahia, Salvador - Bahia, 2013.

## APÊNDICE – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

### IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_ Logradouro: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Número: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_ Ocupação ou local de trabalho: \_\_\_\_\_

Outros dados: \_\_\_\_\_

1. Como se deu o seu primeiro contato com a Capoeira?
2. Quais eram os seus entendimentos sobre capoeira?
3. Qual a importância hoje da capoeira na sua vida?
4. Como você vê a capoeira como um esporte de inclusão social?
5. E qual seria a sua filosofia de vida na capoeira?

OBS: Entrevista (escrita) realizada com: Ivan Valentin, 40 anos (professor de capoeira da Fundação Arte Brasil Capoeira); Israelly Alves, 21 anos (ex-praticante de capoeira da Fundação Arte Brasil); Diego Lima, 21 anos (praticante de capoeira da Fundação Arte Brasil Capoeira) e Lucas Santos, 18 anos (ex-praticante de capoeira da Fundação Arte Brasil Capoeira).

Entrevista Oral com: José Ivani, 36 anos (contramestre de capoeira da Fundação Arte Brasil Capoeira)